



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

FRANCIEIDE SERAFIM DE ALMEIDA

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DO
CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS SOBRE O USO DOS CUSTOS COMO
FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO, CONTROLE E APOIO A DECISÕES**

**MOSSORÓ/RN
2017**

FRANCIEIDE SERAFIM DE ALMEIDA

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DO
CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS SOBRE O USO DOS CUSTOS COMO
FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO, CONTROLE E APOIO A DECISÕES**

Artigo apresentado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas a Humanas como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, no curso de Ciências Contábeis na UFERSA.

Orientador (a): Profa. Dra. Thaiseany de Freitas Rêgo

**MOSOSRÓ/RN
2017**

FRANCIEIDE SERAFIM DE ALMEIDA

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DO
CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS SOBRE O USO DOS CUSTOS COMO
FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO, CONTROLE E APOIO A DECISÕES**

Artigo apresentado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal Rural do Semiárido, no curso de Ciências Contábeis.

Aprovado em: 10 de maio de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaiseany de Freitas Rêgo – UFERSA
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dra. Luciana Batista Sales – UFERSA
Membro Examinador (a) – 1.º membro

Prof. Esp. John Pablo Cândido Dantas Silva – UFERSA
Membro Examinador (a) – 2.º membro

MOSSORÓ/RN
2017

**ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS DO
CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS SOBRE O USO DOS CUSTOS COMO
FERRAMENTA PARA O PLANEJAMENTO, CONTROLE E APOIO A DECISÕES**

**ANALYSIS BIBLIOMETRIC OF SCIENTIFIC CONTRIBUTIONS OF BRAZILIAN
CONGRESS OF COSTS: ON THE USE OF COSTS AS A TOOL FOR PLANNING,
CONTROL AND SUPPORT FOR DECISIONS**

Francieide Serafim de Almeida

Graduando (a) em Ciências Contábeis – Universidade Federal Rural do Semi-árido
Rua Olavo Bilac, 338, Bairro Belo Horizonte, Mossoró-RN, CEP 59.604-180 – Brasil
E-mail: francieide18@hotmail.com – Telefone: (84) 99619-6060

Thaiseany de Freitas Rêgo

Doutora em Administração – Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Professor (a) da Universidade Federal Rural do Semi-árido
Av. Francisco Mota, 572, Bairro Costa e Silva, Mossoró-RN, CEP 59.625-900 – Brasil
E-mail: thaiseany@ufersa.edu.br – Telefone: (84) 98709-1842

RESUMO

O presente artigo se propôs a mapear quais as contribuições científicas do Congresso Brasileiro de Custos (CBC), para a temática “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Para tanto, fez uso da análise bibliométrica e aspectos metodológicos adotados nos estudos publicados de 2011 a 2015, no evento supracitado, o que totalizou um montante de 363 artigos científicos. Dentre os pontos objeto de análise, destaca-se o levantamento dos métodos, abordagens metodológicas, estratégias de pesquisa, recorte temporal, tipo de dado, técnica de coleta, objeto de análise (população e amostra) e tipo de avaliação, bem como a construção de redes de cooperação entre autores e instituições. Com a coleta de dados, observa-se que predomina estudos que adotam o método estatístico (25,62%), se utilizam da abordagem empírica (50,68%) e da estratégia descritiva (31,94%). No que concerne ao recorte temporal, prevalece o transversal (78,79%) e o uso de dados de origem primária (87,41%). Quanto às técnicas de coleta sobressai o uso do *checklist* (32,51%), em termos de definição do quantitativo que compõe o objeto de análise, percebe-se que os autores preferem fazer uso do levantamento populacional (63,36%), sendo a análise qualitativa (66,12%) predominante no processo de avaliação dos dados. No que concerne às redes de autores, observa-se que a autora ORO se destaca por estabelecer laços de pesquisa com outros 10 (dez) autores. Já quanto às redes de cooperação institucionais, constata-se que a FURB estabelece laços com outras 12 (doze) IES, o que se justifica pelo número de programas de pós-graduação.

Palavras-chave: Bibliometria. Custos como ferramenta de planejamento. Custos como ferramenta de controle. Custo como ferramenta de apoio à decisão.

ABSTRACT

This paper proposes to map the scientific contributions of the Brazilian Congress of Costs (CBC), for the theme "Costs as a tool for planning, control and decision support". To do so, made use of bibliometric analysis and methodological aspects adopted in the studies published from 2011 to 2015, in the aforementioned event, which totaled an amount of 363 scientific articles. Among the points of analysis, we highlight the methods, methodological approaches, research strategies, temporal cut-off, data type, collection technique, object of analysis (population and sample) and type of evaluation, as well as the construction Of networks of cooperation between authors and institutions. With the data collection, it is observed that studies that adopt the statistical method predominate (25.62%), using the empirical approach (50.68%) and the descriptive strategy (31.94%). Regarding the temporal cut, the transversal (78.79%) and the use of data of primary origin (87.41%) prevail. As for the collection techniques, the use of the checklist (32.51%) stands out in terms of the definition of the quantitative component of the analysis, it is noticed that the authors prefer to use the population survey (63.36%), being The predominant qualitative analysis (66.12%) in the data evaluation process. Regarding the networks of authors, it is observed that the author ORO stands out for establishing research links with other 10 (ten) authors. Regarding the institutional cooperation networks, the FURB establishes links with other 12 (twelve) HEIs, which is justified by the number of postgraduate programs.

Keywords: Bibliometria. Costs as a planning tool. Costs as a control tool. Costs as a decision support tool.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente organizacional tem se mantido competitivo e demandado por informações úteis para a tomada de decisão, sejam elas de natureza financeira, econômica, social ou ambiental (VIEIRA; TEIXEIRA; HANSEN, 2015). Isso tem atraído os olhares de pesquisadores e *stakeholders*, para a análise de informações fidedignas e relevantes, capazes de fazer a diferença na tomada de decisão. Nessa conjuntura, organizações de pequeno, médio e grande porte, com ou sem fins lucrativos, podem encontrar na literatura, estudos sobre as estratégias mais adequadas à sua realidade e apropriadas para a continuidade do negócio (MELO; LEONE, 2015).

Os estudos envolvendo a questão da estratégia de negócios têm revelado o quanto à lucratividade e a formação do preço de venda influenciam no planejamento, controle e apoio a decisão (LIZOTE et al., 2015). Nessa perspectiva, as organizações têm o dever de conhecer, planejar e alinhar suas estratégias de negócio as demandas do ambiente (OLIVEIRA et al., 2015). Isso, porque, a implementação de uma boa estratégia contribui para que a organização possa se tornar mais competitiva e oferecer produtos com baixo preço, produzindo assim, um menor impacto na diferenciação e gerando vantagens competitivas (PEINADO et al., 2015).

Quando se trata do uso da contabilidade de custos como ferramenta de planejamento, cabe destacar que a mesma é capaz de promover o desenvolvimento de vantagens competitivas (RITTA; CITTADIN; PEREIRA, 2015). Nessa conjuntura, a atividade de planejamento contribui com o controle dos gastos, fazendo com que haja uma previsão quanto aos custos e receitas auferidos com a produção de bens ou serviços, a fim de gerar lucro (ROCHA et al., 2015). Além disso, estimula o desenvolvimento de operações vantajosas para

a empresa e o monitoramento de suas ações estratégicas, no sentido de contribuir com a continuidade do negócio e a expansão de suas atividades (SALES et al., 2015).

Vorpagel, Hofer e Sontag (2015) destacam que o controle dos custos também é uma ferramenta de apoio útil para o processo de tomada de decisões e merece atenção especial por parte dos gestores. Isso, porque, o mesmo precisa ficar atento ao propósito do negócio e ao uso eficiente dos recursos disponíveis, de modo a evitar problemas com desperdícios ou perdas de qualidade em seus produtos ou serviços. Logo, todo o cuidado com esses aspectos tende a contribuir com o gerenciamento e expansão do negócio ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que influencia na determinação de preço e obtenção de lucro (GRANZOTTO; GREGORI, 2015).

O uso dos custos como ferramenta de apoio a tomada de decisão é algo capaz de direcionar as ações organizacionais quanto as políticas de compra, produção e preço de venda mais adequadas à sua realidade econômica, financeira e patrimonial (MARTINS, 2010). Isso, porque, os mesmos influenciam diretamente no valor final do produto ou serviço, ao mesmo tempo em que permite gerar informações úteis sobre como determinar suas políticas de compra e venda (ARAÚJO et al., 2015). Além disso, quando o gestor detém conhecimentos mínimos sobre os custos de suas operações, suas ações e políticas de desenvolvimento tendem a ser mais bem direcionadas e eficientes (FERREIRA; COSTA; ÁVILA, 2016).

Compreendendo que a Contabilidade de custos contribui para a expansão do negócio (MARTINS, 2010), destaca-se que mapear as produções científicas da área se torna interessante. Isso, porque, a utilização de métodos quantitativos para avaliar a produção científica permite identificar quais as linhas de pesquisa mais prolíferas e as que requerem maior aprofundamento (SANTOS, 2015). Nessa perspectiva, o presente estudo se propõe a responder a seguinte problemática: **“Quais as contribuições científicas do Congresso Brasileiro de Custos, para a temática ‘Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões’?”**

Fundamentando-se no problema de pesquisa proposto, o presente estudo objetiva mapear quais as contribuições científicas do Congresso Brasileiro de Custos (CBC), para a temática “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Para tanto, será necessário identificar se os artigos discutem o uso de metodologias de custeio no processo de planejamento e controle empresarial, bem como se tratam da gestão estratégica e o apoio à tomada de decisões. Ademais, cabe examinar quais os objetivos e objeto de estudo dos artigos publicados sobre a temática, bem como verificar quais os principais aspectos metodológicos utilizados e como os autores se relacionam para construir trabalhos nessa área (OKUBO, 1997).

Ponderando a respeito dos estudos científicos desenvolvidos sobre Contabilidade de custos, têm-se condições de apresentar uma evolução histórica das discussões sobre o uso dos “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Segundo Okubo (1997), os estudos bibliométricos também permitem traçar um perfil dos artigos produzidos, bem como mapear quais pontos estão incipientes e merecem atenção especial em estudos futuros. Nessa perspectiva, cabe frisar que o Congresso Brasileiro de Custos tem se destacado como um ambiente propício para a discussão dos custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões. Isso, porque, permite reunir pesquisadores com formações diversas e que tem o interesse de desenvolver estudos sobre Custos, considerando a referida linha de pesquisa (SANTOS, 2015).

Em termos práticos, estudos fundamentados na bibliometria permitem identificar como as discussões acadêmicas estão sendo percebidas pelos gestores organizacionais, ao desenvolverem suas estratégias. Nessa perspectiva, alinha teoria e prática, uma vez que aponta o que é previsto na literatura e faz um diagnóstico sobre como as organizações podem utilizar

tais prerrogativas no seu dia a dia. Ademais, estudos dessa natureza também contribuem com a delimitação de novas áreas temáticas e a definição de questões como objeto de estudo, problema de pesquisa, objetivos e metodologia (ARAÚJO, 2006).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa seção, discute-se a respeito das diferentes metodologias de custeio e sua aplicabilidade no processo de planejamento e controle empresarial, gestão estratégica e apoio a decisões. Em seguida, apresentam-se as técnicas da bibliometria que podem ser aplicadas ao estudo de trabalhos acadêmicos e científicos. Tudo isso, contemplando os elementos necessários para a realização de estudos que abarcam os tipos de contribuições científicas existentes.

2.1 METODOLOGIAS DE CUSTEIO

A contabilidade de custos se desenvolveu com a revolução industrial, o que fez com que houvesse uma adaptação a nova realidade econômica, em virtude do surgimento das máquinas e da produção em grande escala (BORINELLI et al., 2014). Quando se volta para o século XX, a contabilidade de custos foca suas perspectivas para a área gerencial, uma vez que considera as mudanças do ambiente empresarial e as necessidades de se conhecer os custos dos produtos para avaliar o estoque e tomar decisões. Tudo isso, preocupados em reunir os elementos necessários para tratar das questões de produção e apuração de resultados (WERNKE; BORNIA, 2001).

Quando se destaca a contabilidade de custos, denota-se a necessidade de tratar dos métodos de apuração e apropriação dos custos aos produtos. Nessa perspectiva, o custeio ou custeamento, considera como ocorre a apuração dos custos e sua alocação aos produtos (GRANZOTTO; GREGORI, 2015). Isso denota a necessidade de se conhecer e determinar qual das metodologias de custeio são mais adequadas para cada tipo de organização ter condições de revelar o preço do produto, como ilustrado no Quadro 1.

Quadro 1: Metodologias de custeio

(continua)

METODOLOGIA	PROPÓSITO	FONTE
Custeio por absorção ou integral	Atribuir aos produtos fabricados todos os custos de produção seja de forma direta ou indireta, bem como os custos fixos e variáveis absorvidos pelos produtos.	Martins (2010)
	Compor a demonstração de resultado, considerando todos os custos fixos e variáveis absorvidos no processo de produção.	Maher (2001)
	Atribuir custos aos produtos, considerando os custos indiretos na apropriação dos custos de produção.	Wernke (2008)
Custeio variável ou direto	Alocar os custos variáveis aos produtos, de modo a deixar os fixos destacados como despesas do período.	Martins (2010)
	Compor a margem de contribuição da empresa, considerando apenas os custos variáveis de produção.	Maher (2001)
	Determinar o custo de produção com base nos gastos variáveis de produção.	Wernke (2008)

Quadro 1: Metodologias de custeio

(conclui)

METODOLOGIA	PROPÓSITO	FONTE
Custeio baseado em atividades (ABC)	Reduzir distorções provocadas pelo rateio arbitrário dos custos indiretos.	Martins (2010)
	Atribuir os custos as atividades e depois aos produtos, considerando o consumo de cada atividade.	Maher (2001)
	Analisar o comportamento dos custos por atividade, e estabelecer relações entre as atividades e o consumo de recursos, de modo a identificar os fatores que levam a empresa a incorrer em custos.	Wernke (2008)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando a diversidade de metodologias de custeio existentes, destaca-se que cada uma delas atende a uma finalidade específica e possui suas particularidades de aplicação. Nessa conjuntura, uma metodologia não substitui a outra, uma vez que sua aplicação precisa observar o ramo de atividade, porte e grau de gerenciamento organizacional (ZANIEVICZ et al., 2013). Ademais, se faz necessário que os gestores analisem os critérios e características de cada sistema de custeio, de modo a verificar qual o mais adequado para o contexto da empresa.

O custeio por absorção ou custeio integral permite atribuir aos produtos, todos os custos de fabricação, sejam eles, diretos ou indiretos, fixos ou variáveis. Logo, preocupa-se em fazer com que cada produto fabricado absorva os custos inerentes a produção e que são consumidos para a sua fabricação (WERNKE, 2008). Para Martins e Rocha (2010), esse método de custeio recebe essa denominação em função de todos os custos de bens ou serviços produzidos serem “absorvidos” pelos produtos.

De modo geral, cabe frisar que uma das razões dessa metodologia ser amplamente utilizada, se dá em função da mesma atender aos pressupostos da contabilidade e a legislação vigente, principalmente, quanto à competência (MECCA et al., 2015). Além disso, o mesmo também pode ser utilizado para tomada de decisão, apesar das limitações e críticas relacionadas ao uso de métodos de rateio arbitrários, que não permitem determinar a margem de contribuição (CUNHA FILHO; SOUZA, 2015). Cabe frisar que a metodologia do custeio por absorção ou integral é comumente utilizada em função desse método ser permitido e aceito para fins de apuração, pela legislação brasileira (WERNKE, 2008).

Para Mecca et al., (2015) entre as vantagens do custeio por absorção, destaca-se: a absorção de todos os custos de produção, permitindo assim, a apuração do custo total de cada produto, o atendimento a legislação fiscal, e o acompanhamento do desempenho de cada área. Apesar disso, tem como principal desvantagem, o fato do custo considerar critérios de rateio arbitrários, que permite distribuir os custos aos departamentos e produtos (CUNHA FILHO; SOUZA, 2015). Nessa conjuntura, destaca-se que apesar das desvantagens anunciadas ao tratar do custeio por absorção, esse se configura como o critério mais utilizado nacionalmente.

O custeio variável ou direto tem como premissa, que somente os custos que se identificam com os produtos e serviços vendidos devem ser apropriados (WERNKE, 2008). Isso, porque, esse é um método em que os custos fixos não são considerados como custos do produto. Logo, preocupa-se em amenizar algumas distorções que existem nos critérios de rateios, e com isso aloca os custos ao resultado, sendo os demais tratados como despesas e debitados diretamente no resultado (CUNHA FILHO; SOUZA, 2015). Nessa perspectiva, permite fornecer informações adicionais sobre a estrutura de custos de cada produto da empresa, ao mesmo tempo em que possibilita a projeção dos lucros e o seu planejamento estratégico.

Cabe frisar que o uso do custeio variável não é admitido para efeito contábil e fiscal, e sim, somente para fins gerenciais, sendo utilizado pelas empresas no auxílio à tomada de decisão, tendo como componente básico, conhecer qual a margem de contribuição que cada produto apresenta para cobrir todos os gastos fixos da entidade e gerar lucros (MECCA et al., 2015). Para tanto, a margem de contribuição se mede pela diferença entre o preço de venda e os custos e despesas variáveis de cada produto, o que torna esse método uma ferramenta gerencial de apoio à decisão (MARTINS, 2010). Com isso, o custeio variável se configura como um método no qual as informações são produzidas para fins estritamente gerenciais.

A principal vantagem do custeio variável está em sua condição de proporcionar informações para fins gerenciais, gerando informações vitais à entidade. No entanto, tem como desvantagem, o fato do mesmo ferir os Princípios da contabilidade, principalmente, ao princípio da competência, além de seu uso não ser permitido para fins de elaboração e apresentação do Balanço patrimonial e Demonstrações de resultados. Além de tudo, o mesmo também não é aceito pelo fisco (WERNKE, 2008).

A partir da aplicação das metodologias de custeio, o ABC surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, enfatizado pelos professores Robert Kaplan e Robin Cooper, que se propunha a aprimorar a alocação dos custos e despesas indiretas aos produtos, como metodologia mais adequada para determinação do custo de um produto (WERNKE, 2008). Nessa perspectiva, esse método se preocupa em reduzir algumas distorções advindas com os critérios de rateio dos custos indiretos (MARTINS, 2010). Logo, o uso desse método se tornou eficiente ao permitir alocar os custos e despesas indiretas ao produto, de modo a reduzir distorções advindas com a apropriação dos custos aos produtos e serviços.

Considerando que o ABC é um método baseado em atividade, faz-se necessário definir a atividade como um conjunto de determinada tarefa, resultante da combinação de recursos humanos, financeiros, materiais e tecnológicos, que visa a produção de bens ou a prestação de serviço (NASCIMENTO, 2001). Logo, os procedimentos do ABC abrangem a identificação das atividades executadas pela organização, bem como os cálculos do custo de cada atividade, o entendimento do comportamento dessas atividades, as causas dos custos relacionados com elas e a sua alocação aos produtos e serviços (SILVA; GASPARETTO; LUNKES, 2015). Nessa perspectiva, o ABC representa uma ferramenta estratégica eficaz, que permite evidenciar claramente os custos indiretos por atividades.

O custeio ABC pode ser aplicado também aos custos diretos, principalmente quando se observa a mão de obra direta. Nesse contexto, a principal diferença em relação aos custos indiretos está no tratamento dado a eles, em função dos grandes avanços tecnológicos (MARTINS, 2010). Sendo assim, representa um custeio eminentemente gerencial, que além de se configurar como um método de mensuração e análise, também representa um instrumento de gestão de custos estratégico (MARTINS; ROCHA, 2010).

Quando se observa as vantagens do custeio ABC destaca-se a do mesmo atender aos Princípios de contabilidade, bem como proporcionar uma melhor visualização dos fluxos de processos e fazer com que haja uma menor necessidade de rateios arbitrários, fornecendo informações fidedignas que minimizam a utilização de rateios e permite identificar os produtos mais lucrativos (ARAÚJO; CARNEIRO; SANTANA, 2015). Apesar disso, destaca-se como desvantagens, o fato do uso dessa metodologia implicar em um gasto elevado para a implantação, bem como a necessidade de revisão constante, envolvimento dos colaboradores no processo, reorganização da empresa antes da implementação do sistema (SILVA; GASPARETTO; LUNKES, 2015). Além disso, o mesmo não é aceito pelo fisco, apesar de poder ser utilizado para fins gerenciais e tomada de decisão.

2.1.1 Metodologias de custeio no processo de planejamento e controle empresarial

O uso de metodologias de custeio no processo de planejamento gera informações úteis para a tomada de decisão, uma vez que permite direcionar as ações da empresa no sentido de maximizar a utilização de seus recursos, mediante o confronto entre o realizado e esperado (ALVES et al., 2013). Isso requer que os métodos de custeio sejam aplicados de forma adequada e admita o uso de critérios coerentes que possibilitem a adoção de um bom controle organizacional. Nessa perspectiva, salienta-se que é por meio das metodologias de custeio que os custos são alocados ao produto ou serviço, de modo a tornar eficiente tudo aquilo que foi planejado e propiciar o controle dos gastos (JESUS et al., 2015).

De modo geral, o indivíduo que assume a função de gestor de custos, precisa adotar uma posição administrativa de planejamento e controle, apropriada para fazer uso das informações disponíveis para solucionar problemas. Tudo isso para que possa alcançar os meios necessários para promover o crescimento da empresa, diminuir custos e aumentar a produtividade. Logo, o cuidado do gestor com os custos e os problemas organizacionais deve abranger todos os gastos embutidos na produção e entrega de um bem ou serviços (ANZILAGO; BERND; VOESE, 2016).

O uso da contabilidade de custos traz aos gestores informações úteis, que os permite diferenciar os gastos com custos, daqueles advindos das despesas incorridas no período (FERREIRA; COSTA; ÁVILA, 2016). Nessa conjuntura, um bom planejamento requer a adoção de ações práticas e que permitam atender as necessidades da organização, bem como de seus fornecedores e clientes (PEINADO et al., 2015). Logo, o acesso a um sistema de informação de custeio auxilia no processo de planejamento, ao mesmo tempo em que permite atender as demandas de controle empresarial (JESUS et al., 2015).

Considerando que o acesso a diferentes metodologias de custeio é importante para a tomada de decisão, os usuários desse tipo de informação precisam ficar atentos ao que está disposto em termos de informação, haja vista que conhecer e controlar os custos torna-se primordial para uma boa gestão (SILVA; BISPO; MAIA, 2015). Isso estimula a adoção de medidas capazes de impulsionar a inter-relação entre os setores e o gerenciamento de tarefas (BORINELLI et al., 2014). Assim, a adoção de metodologias de custeio para planejamento e controle, considera o acesso a informações verídicas sobre a alocação e apropriação dos custos, para subsidiar a tomada de decisão (BORGES; CHOTOE; VARELA, 2014).

Segundo Enssiln et al. (2014) a evolução da área de custos teve como causa o desenvolvimento econômico e crescimento das empresas, ao mesmo tempo em que considerou o aumento das atividades produtoras, complexidade dos negócios e as práticas financeiras. Nesse contexto, o controle empresarial se destaca pela eficiência com que trata os ativos, a execução financeira e a alocação dos recursos (CAMPOS, 2014). Logo, a ideia de controle possibilita a empresa a ter condições de melhorar os preços de venda, ao mesmo tempo em que a torna cada vez mais competitiva.

Cabe frisar que a área de custos possibilita a transmissão de informações importantes sobre o negócio, uma vez que os gestores podem a utilizar para melhorar suas conduções de planejamento e apropriação dos custos aos produtos e serviços integrados (ROCHA et al., 2015). Quando se trata do planejamento e controle, o custeio ABC chama atenção por dispor de elementos adicionais sobre cada atividade realizada, ao passo em que o custeio variável se destaca por permitir fazer a alocação dos custos variáveis aos produtos fabricados e o custeio por absorção permite englobar todos os gastos incorridos no processo de produção (MAHER, 2001). Nesse contexto, as organizações podem utilizar as metodologias de custeio de forma combinada, para garantir o bom planejamento e controle empresarial sobre o preço de venda e os custos incorridos.

2.1.2 Metodologias de custeio na gestão estratégica

Com a globalização, o mercado começou a se expandir, conseqüentemente houve também o aumento da concorrência, e com isso as empresas passaram a investir em tecnologias avançadas e de controle, com o intuito de diminuir os custos e tornar seus negócios mais competitivos (OLIVEIRA et al., 2015). Uma das ferramentas responsáveis por essa e outras táticas para obtenção de resultados, consiste no uso de técnicas que possibilitam a gestão estratégica dos recursos. Logo, ao unir tecnologias, táticas e técnicas com a gestão estratégica, o uso das metodologias de custeio para o desenvolvimento, pode ser aperfeiçoado, de modo a tornar a empresa cada vez mais competitiva (MELO; LEONE, 2015).

Para Lizote et al. (2015), a adoção de metodologias de custeio na gestão estratégica exige um conjunto amplo de informações sobre custos, que vão além daqueles fornecidos por produtos. Logo, diversas outras informações são necessárias para auxiliar no apoio aos objetivos e metas da gestão estratégica, como aquelas relacionadas aos custos com clientes, fornecedores e projetos (RITTA; CITTADIN; PEREIRA, 2015). Para tanto, a adoção de práticas que estimulam o uso da gestão estratégica, tem a finalidade de identificar os tipos de gastos e direcioná-los para a análise da cadeia de valor.

De modo geral, salienta-se que o uso da gestão estratégica precisa observar a análise da cadeia de valor, bem como o posicionamento estratégico da organização e o direcionamento dos custos para a tomada de decisão. Isso, porque, é por meio desses pilares que a organização consegue analisar quais de suas atividades agregam valor e quais delas envolvem o negócio como um todo. Logo, quando da análise da cadeia de valor cabe avaliar o que traz vantagem competitiva para a organização, se o custo do produto ou a cadeia de negócios (CUNHA; BORGERT; FERRARI, 2015).

A adoção de um posicionamento estratégico direcionado aos custos é capaz de preparar a organização em termos de metas e objetivos de longo prazo. Quando se trata do direcionamento dos custos, é preciso ficar atento à análise de custos, de modo a identificar como os custos se comportam e podem ser gerenciados (RITTA; CITTADIN; PEREIRA, 2015). Isso, porque, com o devido posicionamento, a entidade pode viabilizar e dinamizar tanto a continuidade, como a expansão de suas atividades operacionais.

A gestão estratégica de custos se configura como um processo de análise dos dados de custos, que permite desenvolver e identificar estratégias apropriadas para produzir vantagens competitivas. Nesse contexto, as organizações criam um diferencial competitivo que proporciona a criação de benefícios que chamam a atenção do cliente, ao mesmo tempo em que lhe concede um custo igual ou menor do que aquele que é oferecido pelos concorrentes (ZONATTO et. al., 2014). Para tanto, cabe frisar que as empresas não costumam escolher apenas uma estratégia, mas aderem a um conjunto das três estratégias que lhes permitam ser líderes em termos de custo, diferenciação de produtos e focalização (PORTER, 2004).

Oliveira et al. (2015) ressaltam que a gestão estratégica de custos tem o propósito de gerar informações úteis para o negócio, dando enfoque aos custos e ao processo de tomada de decisão. Desse modo, um de seus objetivos sempre envolve a cadeia produtiva, que observa desde a matéria-prima até o produto final colocado à disposição para venda (MELO; LEONE, 2015). Sendo assim, a gestão estratégica de custos pode ser interpretada como um processo que precisa ser estudado e elaborado com cuidado, de modo a evitar problemas advindos com uma compra mal realizada de matéria-prima e insumos, ou a fixação errada do volume a ser produzido.

Considerando os pontos enumerados, as empresas precisam buscar uma compreensão clara e correta sobre a aplicabilidade de estratégias diferenciadas, de modo a identificar quais

delas podem contribuir para a sua eficiência (MOURA; LIMA, 2016). Nesse contexto, a empresa precisa ter acesso a um sistema que não apure apenas os custos, mas proporcione elementos que o auxilie na determinação de suas estratégias. Para tanto, a metodologia do ABC e do custeio por absorção, podem agilizar a produção de informações que, efetivamente, proporcionam uma boa gestão estratégica de custos (SILVA; GASPARETTO; LUNKES, 2015).

Quanto à metodologia de custeio para a gestão estratégica, destaca-se o custeio ABC, pois esse custeio permite uma análise detalhada dos custos de qualquer natureza, sobre enfoque das atividades desenvolvidas, pois tem por finalidade adaptar essa contabilidade de custos a métodos de gerenciamento e planejamento. Dentro desse parâmetro, o custeio ABC é utilizado por um modelo de gestão chamado de *Activity Based Management* (ABM) ou gestão baseada em custeio por atividade, e é uma ferramenta para gerenciamento. Para tanto, o custeio ABC fornece informações estratégicas de custos, enquanto o ABM planeja diversas ações táticas e operacionais baseado nas atividades, permitindo uma melhor compreensão do comportamento dos custos e controle sobre eles (CUNHA; BORGERT; FERRARI, 2015).

2.1.3 Metodologias de custeio no apoio a decisões

Quando se observa mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e até políticas no ambiente, as empresas passam a se preocuparem com o que os clientes estão necessitando no momento em todo o processo de tomada de decisões. Nessa conjuntura, o uso de metodologias de custeio para quantificar os custos dos produtos e serviços é essencial para que a organização possa se tornar competitiva e os preços acessíveis para os clientes (ARAÚJO et al., 2015). Para tanto, muitas entidades vêm se sentidas atraídas para adotar e combinar as metodologias de custeio existentes e, assim, atender as demandas internas de apoio à tomada de decisão (GRANZOTTO; GREGORI, 2015).

De modo geral, percebe-se que há muitos desafios a serem enfrentados pelos profissionais da contabilidade e gestores, quando se trata da gestão de custos. Isso, porque,, com a competitividade dos negócios em alta, faz-se necessário que as empresas acompanhem as mudanças do ambiente e verifiquem qual a metodologia de custeio mais adequada para a organização, a fim de se manterem fortes e terem condições reais de crescer (VOESE; MELLO, 2013). Nessa perspectiva, quando as organizações se deparam com condições de incerteza, em um ambiente em mudanças e intensa competição, as mesmas devem ser capazes de aprender e tomar decisões direcionadas para o desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas organizacionais.

O uso de metodologias de custeio como o ABC, mostra-se como algo importante, uma vez que não se limita ao custeio de produtos, funcionando como uma ferramenta poderosa e apropriada para a gestão de custos. Em uma abordagem mais ampla, voltada para fins gerenciais a perspectiva da segunda geração do ABC foi desenvolvida com o intuito de propiciar o aperfeiçoamento do processamento dos custos e das políticas de melhorias de desempenho (MARTINS, 2010). Nessa conjuntura, ressalta-se que esse método é mais atrativo em termos de atividades gerenciais, uma vez que propicia a geração de informações úteis à tomada de decisões (SILVA; GASPARETTO; LUNKES, 2015).

Wernke (2008) destaca que o ABC permite “rastrear” os gastos de uma organização, a fim de monitorar as diversas rotas de consumo dos recursos para cada uma de suas atividades. Nessa perspectiva, essa metodologia de custeio observa a relação dos custos com as atividades de modo a estabelecer relações entre as atividades e o consumo dos recursos. Ponderando a respeito da implantação dessa metodologia de custeio, salienta-se que a mesma requer uma análise aprofundada do sistema de controle interno da entidade, uma vez que sem

esses procedimentos, o método se torna inviável para a tomada de decisão (ZANIEVICZ et al., 2013).

Ponderando a respeito das metodologias de custeio existentes, o custeio por absorção e o custeio variável, podem ser combinados a fim de nortear o processo de tomada de decisão. Nesse contexto, o custeio por absorção pode envolver todos os custos relacionados aos produtos, por dispensar o uso de critérios de rateio (NASCIMENTO, 2001). Ademais, salienta-se que o custeio variável pode alocar todos os custos variáveis aos produtos, e os custos fixos podem ser alocados ao resultado, junto com as demais despesas incorridas no período (WERNKE, 2008).

2.2 ESTUDOS BIBLIOMÉTRICOS

Os estudos bibliométricos se tornam necessário para o desenvolvimento de informações e técnicas que se combinam para dar ênfase à aplicabilidade de indicadores sobre produção científica (ARAÚJO, 2006). Para tanto, a bibliometria se vale do uso de técnicas de análise quantitativa, que permite medir e avaliar a comunicação escrita de uma determinada área de conhecimento, considerando o conteúdo de artigos publicados em anais de eventos e/ou periódicos. Nesse contexto, a avaliação ou contagem de documentos, palavras, termos e referências utilizadas em publicações nacionais e internacionais, faz-se necessária para determinar o impacto do trabalho publicado na comunidade científica (OKUBO, 1997).

A bibliometria observa a adoção de indicadores que permitem medir e mensurar as técnicas utilizadas pelos pesquisadores nos artigos, periódicos ou instituições selecionadas para pesquisa (SPLITTER; ROSA; BORBA, 2012). Tudo isso de modo a analisar o que se tem produzido em termos de ciência e identificar quais as áreas saturadas ou prolíferas em termos de pesquisa (MACHADO, 2007). Ademais, os indicadores utilizados para levantar, avaliar e analisar a produção científica existente são muitos, como os apresentados e ilustrados no Quadro 2.

Quadro 2: Tipos de estudos bibliométricos

TIPOS	PROPÓSITO	FONTE
Lei de Lotka	Medir a frequência em termos de produtividade dos autores, cientistas ou pesquisadores, considerando os trabalhos desenvolvidos em certa área do conhecimento.	Voese e Mello (2013)
Lei de Zipf	Apresentar um modelo capaz de medir a frequência com que o uso de determinadas palavras se distribui no texto e quantas vezes a mesma aparece.	Voese e Mello (2013)
Lei de Bradford	Determinar a profundidade e os níveis de dispersão de informação científica publicada em periódicos.	Coutinho (1991)
Okubo	Avaliar aspectos metodológicos e o conteúdo de artigos, publicações, citações, patentes.	Okubo (1997)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A bibliometria costuma ser medida com o auxílio de métodos matemáticos e estatísticos, que permitem quantificar os processos de comunicação escrita (ARAÚJO, 2006). Nessa conjuntura, a mesma se vale do uso de algumas técnicas e leis específicas, como as de Lotka, Zipf e Bradford (SPLITTER; ROSA; BORBA, 2012). Além dessas leis, também merece destaque as discussões e indicadores tratados por Okubo, que se baseiam na exposição

e análise estatística da produção científica, na qual se observam as redes de cooperação entre autores e instituições, dentre outros aspectos (OKUBO, 1997).

A Lei de Lotka ou Lei do Quadrado Inverso permite avaliar a produtividade de autores, cientistas ou pesquisadores, a partir de um modelo de distribuição tamanho-frequência em um conjunto de arquivos (SPLITTER; ROSA; BORBA, 2012). Voese e Mello (2013, p. 6) enfatizam que Lotka, “a partir dessa descoberta formulou a lei dos quadrados inversos: $yx=6/p^2xa$, onde xy é a frequência de autores publicando número x de trabalhos e ‘ a ’ é um valor constante para cada campo científico”, tornando possível a contagem de autores publicados em diversos artigos em um certo período de tempo. Para Alvarado (2002), a referida lei apresenta algumas variações de resultados, que podem ser analisadas por meio de alguns fatores, tais como a análise de coautores e o uso inadequado do teste estatístico do grau de adequação dos dados.

A Lei de Zipf observa a descrição da frequência da relação entre palavras em um texto, de modo a identificar a semelhança entre as palavras e a ordem em que aparecem, de modo a evidenciar que existe uma ordem lógica no uso das palavras (SPLITTER; ROSA; BORBA, 2012). Araújo (2006, p. 17) destaca que “a equação para esse relacionamento é: $r \times f = k$, onde r é a posição da palavra, f é a sua frequência e k é a constante”, demonstrando assim uma constante ao listar uma palavra e multiplicar pela frequência com que aparece. Isso mostra que esta lei trata da frequência com que as palavras vão aparecendo no texto, de modo a identificar o número de repetições máximo e mínimo (VOESE; MELLO, 2013).

A Lei de Bradford trata sobre o plano e comando de sistemas informatizados para evidenciar quais os periódicos mais utilizados para a atividade de pesquisa (COUTINHO, 1991). Para tanto, caracteriza-se como um instrumento importante para a dissolução das áreas de dispersão das revistas que tratam de um mesmo assunto (SPLITTER; ROSA; BORBA, 2012). Apesar disso, os estudos empíricos e teóricos deixam uma lacuna, pois não se adaptam, porque a lei não prevê as variáveis em uma situação verdadeira, fazendo com que os resultados sejam de acordo com a necessidade citada pelo pesquisador, podendo assim haver resultados equivocados com sua aplicação (COUTINHO, 1991).

Dentre esses métodos bibliométricos, o de Okubo se destaca por fazer uso da matemática e estatística, para quantificar as citações, periódicos e artigos analisados, de forma quantitativa. Nessa perspectiva, Okubo (1997) também retrata que o conhecimento e a essência da pesquisa científica, uma vez que quando se publica algo, o conhecimento trazido à tona é o foco. Logo, o uso da estatística junto às técnicas bibliométricas é eficiente para identificar quais as contribuições advindas de cada país, instituição e autor, bem como medir as citações e o seu impacto nos trabalhos publicados na comunidade científica (OKUBO, 1997).

3 METODOLOGIA

Ao considerar as linhas de pesquisa e discussões existentes no Congresso Brasileiro de Custos, entre os anos de 1994 a 2015, observou-se que há uma grande variabilidade no número, tipos e grupos de trabalho que tratam da temática de Custos. Nessa conjuntura, ao considerar que a adoção dos “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”, é imprescindível para o sucesso do negócio e que o desenvolvimento de pesquisas na área pode indicar caminhos a ser seguido, o presente estudo se propõe a mapear quais as contribuições científicas do evento para essa área. Isso, porque, ao agrupar pesquisadores com formações diversas lhes permite desenvolver estudos sobre Custos, considerando a referida linha de pesquisa.

Considerando os pontos enumerados, cabe frisar que o presente estudo se enquadra, quanto aos objetivos específicos, como uma pesquisa descritiva, uma vez que se preocupa em identificar os artigos que tratam da temática, ao mesmo tempo em que permite retratar o que se tem escrito sobre o assunto. Na ótica de Beuren et al. (2013), a pesquisa descritiva se propõe a delinear quais as características de determinada população ou fenômeno. Logo, isso é percebido ao considerar o levantamento dos artigos publicados na temática de “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”, no CBC e a preocupação por identificar as metodologias traçadas e utilizadas em cada estudo.

No que diz respeito aos procedimentos, o presente estudo se caracteriza como de caráter bibliométrico, uma vez que permite identificar e analisar alguns indicadores da bibliometria, ao observar os artigos publicados nos anos de 2011 a 2015. Ademais, esse se configura como um estudo que vem sendo utilizado com o intuito de permitir identificar quais os pontos de pesquisa saturados, bem como aqueles que merecem mais atenção por parte dos pesquisadores. Para tanto, foi realizado um levantamento dos dados bibliométricos, de modo a medir as contribuições existentes sobre a temática, no que tange a relação entre autores, instituições, objeto de pesquisa, objetivos, citações e aspectos metodológicos (OKUBO, 1997). Destaca-se que para analisar as relações entre autores e IES, fez-se necessário adotar o *software* Ucinet® para montar as redes.

Quando se trata da abordagem do problema, o estudo se enquadra como qualitativo e quantitativo. Isso, porque, se faz necessário proceder com a análise de conteúdo dos artigos, para identificar o que está previsto por Okubo (1997), bem como medir, quantitativamente, os aspectos metodológicos e como ocorrem as relações entre os autores que discutem o tema ao longo dos anos no CBC. Logo, por meio das referidas abordagens e com uso da estatística descritiva, busca-se identificar elementos mais aprofundados sobre o objeto e objetivos traçados nos estudos que destacam o uso dos “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões” (BEUREN et al., 2013).

No que concerne à definição do recorte temporal, considerou-se a consolidação da linha de pesquisa referente a “Custo como ferramenta para planejamento, controle e apoio à decisões”, a partir de 2011, como ilustrado no Quadro 3. Já em relação a temática e linha de pesquisa definida para determinar quais artigos compõem a amostra, o uso dos “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões” se destacou, em função de influenciar diretamente nas ações desenvolvidas pelas empresas. Isso, porque,, o uso das metodologias de custeio esta estruturada e bem-conceituado na linha de pesquisa escolhida.

Quadro 3: Artigos publicados no CBC e linhas de pesquisas dos anos 2011 a 2015

Linha de pesquisa	2011	2012	2013	2014	2015
Abordagens contemporâneas de custos	x	x	x	x	x
Contribuições teóricas para a determinação e a gestão de custos	x	x	x	x	x
Custos aplicados ao setor privado e terceiro setor	x	x	x	x	x
Custos aplicados ao setor público	x	x	x	x	x
Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões	x	x	x	x	x
Metodologia de ensino e pesquisa em custos	x	x	x	x	x
Métodos quantitativos aplicados à gestão de custos	x	x	x	x	x
Quantidade de artigos publicados no ano	199	235	196	238	189
Quantidade de artigos publicados na linha de pesquisa estudada	56	95	75	80	57

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Salienta-se que os dados são de natureza secundária e a coleta considerou o uso de um *checklist*, que pudesse contemplar todas as informações pertinentes às relações entre autores, instituições, objeto de estudo, objetivo e aspectos metodológicos, como expresso no Apêndice A. Tudo isso, com o intuito de identificar quais os tipos de redes de relacionamentos existentes, bem como descrever quais aspectos metodológicos são discutidos e abordados pelos pesquisadores que desenvolvem estudos na área de “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Para Beuren et al. (2013) o *checklist* é um instrumento de dados, em que a população se propõe a verificar a existência da informação e como a mesma é contemplada, cujo arcabouço teórico inerente aos aspectos metodológicos está contemplado no Apêndice B.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção, são apresentados os principais achados do estudo, considerando tanto os aspectos metodológicos como de bibliométricos, sociométricos e redes institucionais. Ademais, será apresentada uma agenda de pesquisa, considerando os pontos que ainda carecem de estudo na área de “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”, de modo a subsidiar os pesquisadores no desenvolvimento de seus trabalhos. Para tanto, será apresentado tanto o que já foi utilizado pelos pesquisadores da área, como os pontos recomendados por eles para estudos futuros ou que se percebe como essenciais para a realização de novos trabalhos acadêmicos.

4.1 ANÁLISE METODOLÓGICA E BIBLIOMÉTRICA

Com o levantamento e análise dos artigos publicados no CBC, no período de 2011 a 2015, constataram que 363 (trezentos e sessenta e três) deles tratam sobre o uso de metodologias de custeio, no processo de planejamento, controle empresarial, gestão estratégica e apoio à tomada de decisões. No que concerne aos objetivos propostos, em regra, os mesmos se propunham a identificar (FEDATO; SILVA; SORNBERGER, 2011; GUINZELLI; CERUTTI; BATTISTI, 2012), analisar (MELLO; REIS, 2012; FERNANDES; LORANDI, 2012), mensurar (ALVES; GONÇALVES; MOIZINHO, 2013; SILVA; SOUSA; SOARES, 2014) ou evidenciar (BARRETO; MACEDO; ALVES, 2012; NASCIMENTO; VARGAS, 2012) algo relacionado as metodologias de custeio. Quanto ao objeto ou unidade de análise utilizada pelos autores, observa-se a predominância de estudos envolvendo empresas de pequeno (WERNKE; MATEUS, 2012; SANTOS; CARMO; LIMA, 2013) ou médio (CESCON; SOUZA; ALMEIDA, 2013; TEIXEIRA; MEDEIROS, 2013) porte.

Seguindo com a análise da metodologia adotada pelos pesquisadores, constata-se quanto aos métodos de pesquisa, que dos 363 artigos analisados, 62,53% (227) não indicaram, de forma clara ou explícita, qual o método utilizado para construção do trabalho. Contudo, ao proceder com a leitura do resumo e da metodologia dispostas no artigo, verifica-se que 28,1% (102) dos trabalhos apresentam características próprias do método dedutivo, 16,25% (59) como indutivo e os demais se enquadraram entre hipotético-dedutivo 7,71% (28), dialético 6,88% (25), comparativo 3,31% (12) e estatístico 0,28% (1). Já dentre aqueles que conseguem expressar, de forma clara, o método de pesquisa utilizado para construir o artigo, predomina o uso de trabalhos que adotam do método estatístico, com 25,62% (93), como expresso na Tabela 1.

Tabela 1: Método de pesquisa escrito

Método	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Comparativo	22	6,06	6,06
Dedutivo	6	1,65	7,71
Estatístico	93	25,62	33,33
Indutivo	11	3,03	36,36
Hipotético-dedutivo	3	0,83	37,19
Histórico	1	0,28	37,47
Não informado	227	62,53	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Salienta-se que quando o artigo apresenta o método de pesquisa utilizado na construção do trabalho, o mesmo tende a orientar o leitor quanto aos procedimentos que foram adotados no processo de coleta e análise dos dados. Nessa conjuntura, destaca-se que o método estatístico, escrito pelos autores pesquisados e identificado, como de caráter predominante, se fundamenta na aplicação de testes de probabilidade (GIL, 2008). Já o método do tipo dedutivo, identificado no estudo após a leitura dos resumos e metodologias, preocupa-se em seguir uma ordem lógica e fundamentada em premissas científicas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Analizando os métodos de pesquisa abordados nos artigos, salienta-se que os mesmos são de fato aplicáveis a área das Ciências Sociais Aplicadas, mas que requerem atenção e cuidado quando do adequado enquadramento (BEUREN et al., 2013). Isso, porque, o mesmo acaba por indicar as etapas a se cumprirem para realizar o estudo, bem como definir as técnicas a serem utilizadas para desenvolvê-lo e responder ao problema de pesquisa proposto. Dentre os métodos que poderiam ser adotados pelos pesquisadores da área contábil, destaca-se o monográfico, que consiste em se fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto (GIL, 2008).

No que concerne à abordagem do problema, verifica-se que dos 363 artigos analisados, 85,67% (311) não indicaram, de forma específica, qual a abordagem utilizada para realização do trabalho. No entanto, ao proceder com a leitura dos resumos e das metodologias dispostas nos artigos, nota-se que 36,91% (134) deles apresentam atributos do empirismo, 34,71% (126) da fenomenologia e os demais se enquadraram entre positivismo 11,85% (43) e estruturalismo 1,93% (7). Já dentre aqueles que conseguem expressar, de forma clara, a abordagem de pesquisa utilizada para desenvolver o artigo, sobressai o desenvolvimento de estudos que seguem a abordagem metodológica do empirismo, com 13,77% (50), como disposto na Tabela 2.

Tabela 2: Abordagem metodológica escrita

Abordagem	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Empirismo	50	13,77	13,77
Positivismo	1	0,28	14,05
Sistêmica	1	0,28	14,33
Não informado	311	85,67	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Destaca-se que a apresentação e discussão, a respeito da abordagem metodológica possibilitam ao leitor a identificação sobre qual o processo de investigação foi utilizado e qual enfoque contribui para a definição do problema de pesquisa proposto. Nessa perspectiva, o empirismo trata de uma ciência que esclarece apenas a face observável da realidade, ou a superfície dos fenômenos, a partir de uma experiência sensorial, que acredita na capacidade dos indivíduos em perceber os fatos (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). No que diz respeito a abordagem da fenomenologia percebida entre os artigos, destaca-se que a mesma observa um conjunto de fenômenos e correntes das ciências humanas, que consideram as relações e a adequação em termos de tempo e espaço dos diversos componentes de uma sociedade (GIL, 2008).

Ponderando a respeito das abordagens metodológicas, abordadas nos estudos, constata-se que as mesmas assumem um enfoque mais empírico, capaz de induzir o pesquisador ao reconhecimento sobre qual a técnica de observação mais adequada para responder ao que se propõe com o trabalho. Nessa conjuntura, a sua utilização nos artigos analisados torna o processo de investigação aceitável, sem comprometer a finalidade a que se propõe (BEUREN et al., 2013). Destaca-se que os estudos também poderiam incluir a abordagem crítico-dialética, de modo a permitir uma maior discussão e debate sobre o assunto, bem como o uso da abordagem sistêmica, de modo a estabelecer relações discussões que possam ser explicadas pela teoria dos sistemas (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

Quanto à estratégia de pesquisa, observa-se que 65,56% (238) dos artigos se utilizam de estratégias combinadas para responder problema de pesquisa proposto, o que é natural em estudos da área das Ciências Sociais Aplicadas, na qual se insere os trabalhos da área de Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões. Ao analisar os demais trabalhos, observa-se que 31,94% (88) destacam que fazem uso exclusivo da estratégia descritiva, ao passo em que 4,96% (18) se utilizam do estudo de caso, como disposto na Tabela 3. Os dados também indicam o uso tímido de trabalhos que se declaram como exploratórios, bibliográficos, levantamento, pesquisa-ação, documental, experimental e *Grounded theory*.

Tabela 3: Estratégia de pesquisa

Estratégia	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Bibliográfica	4	1,10	1,10
Descritiva	88	24,24	25,34
Documental	1	0,28	25,62
Estudo de caso	18	4,96	30,58
Experimental	1	0,28	30,85
Exploratória	8	2,20	33,06
<i>Grounded theory</i>	1	0,28	33,33
Levantamento	2	0,55	33,88
Pesquisa-ação	2	0,55	34,44
Estratégias combinadas	238	65,56	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Cabe frisar que as estratégias de pesquisa permitem ao pesquisador examinar quais as suas questões ou analisar a validade de suas deduções. Nessa conjuntura, a predominância de estudos descritivos, cujo propósito consiste em traçar as características de determinada população, fenômeno ou relações entre variáveis (GIL, 2008). O uso do estudo de caso

observa a análise concentrada de um único caso e o uso de triangulação, com vias a se aprofundar os conhecimentos sobre determinado objeto de estudo (BEUREN et al., 2013). Destaca-se que o uso de estudos de caráter exploratório (2,20%) é válido, quando se busca esclarecer fatos ainda pouco estudados, ao passo em que a pesquisa bibliográfica se vale da busca de aparato conceitual que sustenta a construção de um problema de pesquisa (GIL, 2008).

Destaca-se em termos de estratégias de pesquisa que as indicadas nos estudos são comumente aplicáveis a área das Ciências Sociais Aplicadas, principalmente, quando se observa o enquadramento do estudo quanto aos seus objetivos, procedimentos e abordagem do problema (BEUREN et al., 2013). Isso, porque, as mesmas direcionam o pesquisador e o potencial leitor quanto ao caminho percorrido para desenvolver o estudo, tanto em termos teóricos como empírico. Quando se destaca a combinação de estratégias de pesquisa, os trabalhos publicados se tornam mais ricos e imprimem maior qualidade.

Ao cruzar as informações pertinentes ao recorte temporal e a origem dos dados, observa-se que 78,79% (286) dos artigos pesquisados adotam o recorte temporal transversal, como disposto na Tabela 4, ou seja, contempla dados de um único momento no tempo. Dentre os 286, predomina o uso de dados primários, ou seja, 87,41% (250), o que é comum em estudos que se valem da realização de entrevistas, observação ou aplicação de questionários. Os 12,24% (35) são desenvolvidos com dados secundários, o que é comum em estudos que se utilizam de dados de relatórios empresariais ou extraídos de programas específicos.

Tabela 4: Recorte temporal x Origem dos dados

Recorte	Origem dos dados			Total
	Dados primários	Dados secundários	Dados primários e secundários	
Longitudinal	21	55	1	77
Transversal	250	35	1	286
Total	271	90	2	363

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No que concerne aos estudos longitudinais, observa-se que 21,21% (77) deles observam um recorte temporal que abrange mais de um momento de coleta ou ano. Dentre esses 77 artigos, constata-se que 27,27% (21) se utilizam de dados primários e 71,43% (55) de dados secundários. Nessa conjuntura, salienta-se que a adoção de dados secundários em estudos com recorte longitudinal é comum em pesquisas que analisam a evolução de dados de custos em mais de um período ou que se preocupam em fazer análises comparativas com dados extraídos de documentos.

Salienta-se que a definição do recorte temporal e origem dos dados norteiam o leitor em termos de tempo e espaço, necessários para responder um problema de pesquisa contemporâneo e aplicável. Nesse contexto, observa-se que predominam estudos que adotam um recorte transversal, por se coletarem dados pertinentes a um só momento no tempo (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006). No que concerne aos dados primários, destaca-se que contemplam informações que ainda carecem de coleta e tratamento (BEUREN et al., 2013). Ademais o recorte longitudinal se utiliza de dados extraídos de diversos momentos no tempo, valendo-se de forma predominante de dados de origem secundária (MALHOTRA, 2012).

Analisando as técnicas de coleta adotadas pelos pesquisadores em seus estudos, verifica-se que 17,91% (65) optam por combinar as diversas técnicas de coleta de dados para análise de resultado (entrevista e observação ou questionário e observação ou entrevista e

questionário), o que é comum em trabalhos envolvendo estudos de caso. Nessa conjuntura, destaca-se que o uso de técnicas combinadas tende a tornar o trabalho mais robusto e responder ao problema de pesquisa de forma mais eficaz. Os estudos também apontam outras técnicas de coleta, como disposto na Tabela 5, tais como: *checklist* (118), entrevista (64), formulário (18), *focus group* (1), observação (17) e questionário (80).

Tabela 5: Técnica de coleta

Técnicas	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
<i>Checklist</i>	118	32,51	32,51
Entrevista	64	17,63	50,14
Formulário	18	4,96	55,10
<i>Focus group</i>	1	0,28	55,37
Observação	17	4,68	60,06
Questionário	80	22,04	82,09
Técnicas combinadas	65	17,91	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Destaca-se que a indicação das técnicas utilizadas para subsidiar o processo de coleta de dados permite, ao leitor, identificar como os dados foram obtidos e/ou extraídos para análise. Nessa conjuntura, observa-se que 32,51% (118) das técnicas adotadas se valem do uso de *checklist*, que permite identificar se elementos previstos na teoria estão disponíveis (BEUREN et al., 2013). A adoção do questionário, como técnica de coleta, também chama atenção, uma vez que corresponde a 22,04% (80) dos estudos analisados e se propõe a coletar dados mediante o uso de um roteiro ordenado de perguntas e que podem ser respondidas por escrito pelo indivíduo caracterizado como objeto de estudo ou unidade de análise, sem a presença do pesquisador (MARTINS; THEÓPHILO, 2007).

Analisando os dados encontrados, constatou-se que 17,91% (65) dos artigos se valem do uso de técnicas de coletas combinadas, principalmente em situações que envolvem entrevistas. Esse tipo de técnica costuma serem utilizadas junto com a observação, com o propósito de avaliar o ambiente e obter informações que possam ser extraídas além da fala ou resposta as perguntas (BEUREN et al., 2013). Isso estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas por parte do pesquisador, que consegue ampliar o seu campo de visão e reunir elementos explicativos que dificilmente conseguiriam ser extraídos com a análise de um único documento ou informações obtidas de um elemento de análise.

Em se tratando da definição da população ou amostra a ser estudada apontada nos estudos, nota-se que 63,36% (230) dos respondentes declaram desenvolver seus estudos mediante o levantamento ou censo populacional. Isso mostra certa preocupação em obter dados suficientes para permitir fazer inferências ou generalizações a respeito do que foi coletado. Quando se destaca a adoção de um recorte amostra, os dados revelam que 35,81% (130) dos estudos se valem da amostra do tipo não probabilística, que não requer o uso de técnicas estatísticas para definir um número mínimo de participantes, mas considera o interesse e/ou disponibilidade de indivíduos ou dados para análise (MALHOTRA, 2012), como acontece com o uso da amostra por acessibilidade ou conveniência, 34,16% (124). Já os estudos probabilísticos se valem do uso da amostra do tipo aleatória ou sistêmica, como disposto na Tabela 6.

Tabela 6: Recorte populacional e amostral

Técnicas	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
População ou universo	230	63,36	63,36
Amostra probabilística	3	0,83	64,19
Amostra não probabilística	130	35,81	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Ao determinar a população ou o tipo de amostragem a ser utilizada no estudo, admite-se que seja possível identificar e selecionar quantos indivíduos ou objetos podem compor o estudo. De modo geral, destaca-se que a população ou universo da pesquisa, costuma reunir elementos diversos e com características similares para análise (BEUREN et al., 2013). Nessa conjuntura, o uso da amostra probabilística considera o caso ou eventualidade na escolha sobre quem ou o que irá compor a unidade de análise (MALHOTRA, 2012). Já a amostra não probabilística se preocupa em constituir um subconjunto da população que depende, exclusivamente, dos critérios definidos pelo pesquisador para construir as amostras (SAMPIERI; FERNANDEZ-COLLADO; LÚCIO, 2006).

Quanto à técnica de análise dos dados, nota-se 66,12% (240) dos pesquisadores declaram fazer uso da avaliação qualitativa, como disposto na Tabela 7, com a técnica de análise de conteúdo. O estudo indica que 33,33% (121) dos respondentes fazem uso da avaliação quantitativa, o que vem se expandindo ao longo dos anos, principalmente, após a criação de novos cursos de pós-graduação na área contábil e que formam pesquisadores com maior rigor técnico, com destaque para o uso da estatística descritiva (60), análise multivariada da variância (23) e regressão linear múltipla (9). Como contraponto, também se destaca o desenvolvimento de 5,5% (2) de estudos que abrangem tanto a avaliação qualitativa, como quantitativa, como disposto na Tabela 7.

Tabela 7: Técnicas de análise de dados

Técnicas	Frequência	Porcentagem	Porcentagem acumulativa
Avaliação qualitativa	240	66,12	66,12
Avaliação quantitativa	121	33,33	99,45
Avaliação quali-quanti	2	0,55	100,00
Total	363	100,00	

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Destaca-se que a discussão sobre as técnicas utilizadas no processo de análise de dados, possibilita ao leitor compreender quais as premissas consideradas para chegar a resultado apresentado. Nessa perspectiva, a adoção de medidas advindas da avaliação qualitativa, como a análise de conteúdo e a de discurso, requer um estudo acurado sobre o processo de comunicação e intenções de resposta (FRANCO, 2007). Quando se trará da avaliação quantitativa, destaca-se que a mesma se direciona para a análise numérica, preocupando-se muito mais com questões quantificáveis objetivamente, como se percebe em estudos que se valem da estatística descritiva, análise multivariada da variância e regressão linear múltipla (GIL, 2008).

No que concerne à avaliação quantitativa, destaca-se entre os estudos analisados o uso da estatística descritiva, combinada com outras técnicas, com vias a caracterizar o estudo (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006). Ponderando a respeito do assunto, destaca-se a adoção da análise multivariada da variância, que se utiliza da

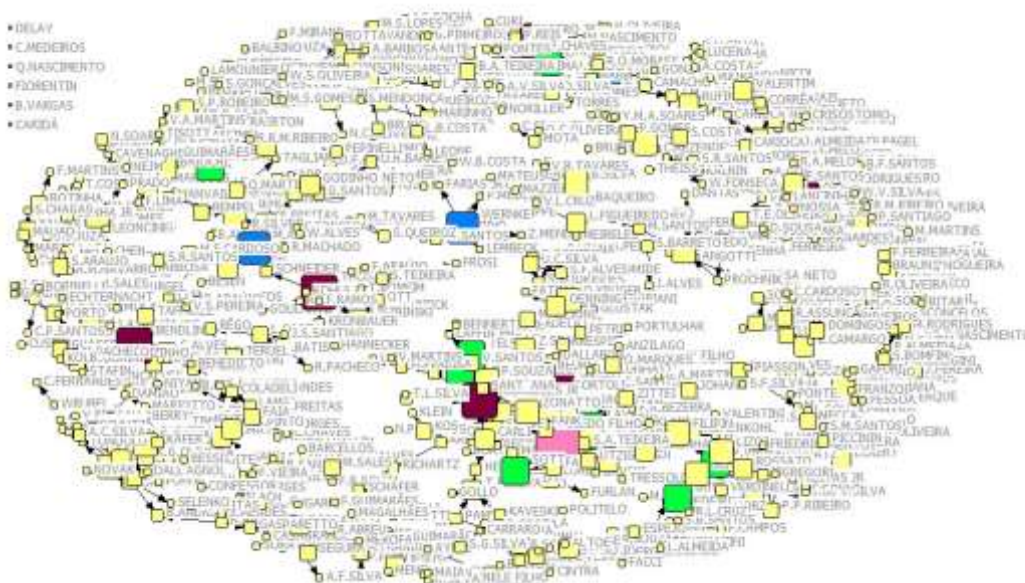
regra de dependência para medir a diferença entre duas ou mais variáveis dependentes, ou mediante avaliação não métrica de duas ou mais variáveis independentes (HAIR JR et al., 2009). O uso da regressão linear múltipla foi abordado nos estudos, quando se propunha a avaliar a relação entre uma única variável dependente e um ou mais variáveis independentes (MALHOTRA, 2012).

Ponderando a respeito do que foi identificado nos estudos, destaca-se que a implementação de avaliações quantitativas tende a tornar os trabalhos acadêmicos mais confiáveis e robustos, o que garante a área das Ciências Sociais Aplicadas, maior rigor técnico e cuidado com o objeto em estudo. Nessa conjuntura, os artigos desenvolvidos na linha de pesquisa analisada, se utilizam timidamente de avaliações quantitativas para definição da amostra e se preocupam mais em trazer maior confiabilidade ao processo de análise (BEUREN et al., 2013). Contudo, cabe destacar que o pouco uso da estatística na definição da amostra, tende a impedir a generalização do estudo a outros indivíduos ou áreas de pesquisa, ao mesmo tempo em que limita os resultados encontrados e analisados com técnicas robustas, a explicar apenas o que se obtém em termos de dados.

4.2 ANÁLISE SOCIOMÉTRICA E INSTITUCIONAL

No que concerne à análise sociométrica, sobre como os autores se relacionam, observa-se que há grupos consolidados e que trabalham de forma cooperativa na construção de trabalhos científicos relacionados ao uso dos custos como ferramenta de planejamento, controle e apoio a tomada de decisão, como ilustrado na Figura 1. Contudo, há outros que desenvolvem trabalhos de forma autônoma, sem estabelecer vínculos com nenhum outro pesquisado: como Edson Queiroz Nascimento (Q. NASCIMENTO), Cristiano Salvador Calixto de Medeiros (C. MEDEIROS), Vladimir Damiani Caridá (CARIDÁ), Sandra Belloli de Vargas (B. VARGAS), Marlene Fiorentin (FIORENTIM), Albino João Delay (DELAY). Analisando o Currículo Lattes desses pesquisadores, nota-se que todos atuam de algum modo na área acadêmica, isto é, seja na condição de discente, docente ou técnico-administrativo da IES.

Figura 1: Rede de cooperação entre autores (completa)



Fonte: Dados da pesquisa (2017), UCINET®.

de artigos científicos é estabelecidas com orientados ou antigos orientados da graduação ou pós-graduação, com quem produz artigos completos, em eventos e periódicos.

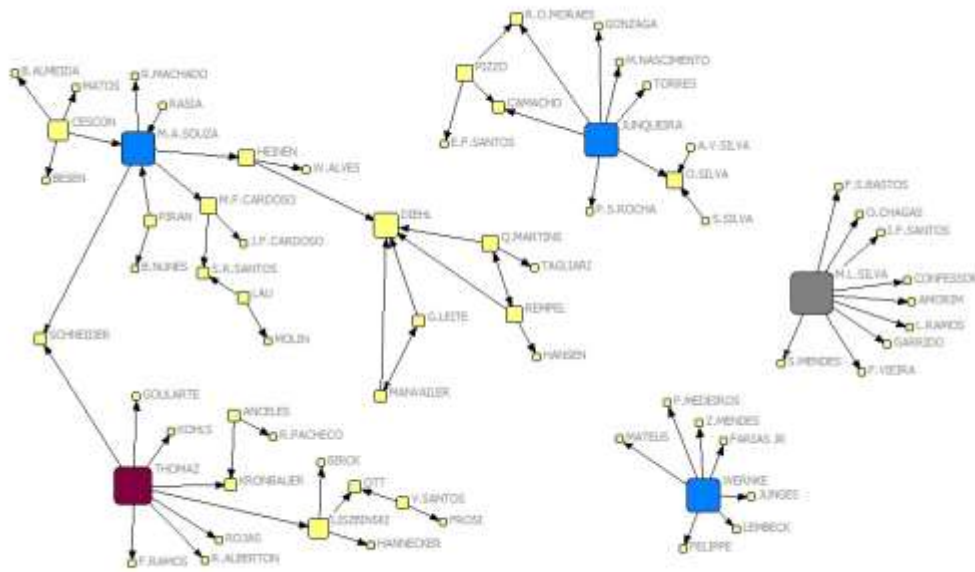
A autora Ilse Maria Beuren (BEUREN), na cor vinho, é Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1A, e é líder do grupo de pesquisa do CNPq “Núcleo de pesquisa em controladoria e sistemas de controle gerencial”. A mesma também atua como docente na graduação e pós-graduação em Ciências Contábeis da UFSC desenvolve trabalhos de pesquisa na linha de “Uso de instrumentos do sistema de controle gerencial e modelos de gestão da inovação”. Logo, os autores que estão vinculados a sua produção foram ou são estudantes de graduação e pós-graduação. Além disso, é membro do comitê de assessoramento do CNPq e da CAPES, atua como revisora de projetos de fomento e de periódicos, nacionais e internacionais da área de negócios.

O autor Cristian Bau Dal Magro (MAGRO), na cor vinho, está vinculado a UNOCHAPECO, como docente horista, e atua no curso de graduação em Ciências contábeis. Atualmente possui vínculo na condição de discente com a FURB, onde curso o doutorado em Ciências Contábeis e Administração. Logo, considerando as demandas dos programas de pós-graduação em desenvolver trabalhos acadêmicos, suas relações são estabelecidas em função da necessidade de desenvolver, produzir artigos e atender as demandas do programa. Ademais, o mesmo também atua como revisor de diversos periódicos nacionais, tais como a Revista Catarinense da Ciência Contábil, RACE, Revista Gestão, Finanças e Contabilidade, Organizações Rurais & Agroindustriais e Revista Contemporânea de Contabilidade.

Ponderando a respeito do autor Rogério João Lunkes (LUNKES), na cor vinho, destaca-se que o mesmo é Bolsista produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2, e possui vínculo institucional como docente da UFSC, no curso de graduação e pós-graduação em Ciências contábeis. O mesmo também é líder do grupo de pesquisa em “Controladoria”, com linhas de pesquisa relacionada tanto a “Controladoria” em si, como “Controle de gestão”. Logo, os autores que estão vinculados a sua produção são ou formam orientados em atividades acadêmicas da graduação ou pós-graduação. Ademais, ele também atua como revisor de periódicos acadêmicos nacionais e internacionais.

Ao realizar mais um recorte na rede de autores, outros vínculos se destacam, como o estabelecido pelo pesquisador Adail Marcos Lima da Silva (M.L.SILVA), na cor cinza, como ilustrado na Figura 3. O referido autor chama atenção pelo número de laços estabelecidos com outros autores e que apontam a existência de 9 (nove) vínculos, o que pode ser justificado pelo fato do mesmo atuar como docente e orientador no curso de graduação em Administração e do PET do mesmo curso na UFCG. Ademais, ele também atuou como membro editorial e revisor da Rumos (João Pessoa).

Figura 3: Recorte da rede de cooperação de autores com maior número de ligações – Parte 2



Fonte: Dados da pesquisa (2017), UCINET®.

O autor João Luis Peruchena Thomaz (THOMAZ), na cor vinho, que tem vínculo como docente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no curso de graduação em Ciências contábeis e atua em diversos projetos de pesquisa. Ademais, também atua como revisor da Revista de Auditoria, Governança e Contabilidade (RAGC). O mesmo ainda desenvolve trabalhos acadêmicos em parceria com colegas do programa de pós-graduação que compunha como discente e em trabalhos realizados junto com discentes que estão sob sua orientação.

Quanto a análise institucional, nota-se que indivíduos de IES distintas agem de forma cooperativa, apesar de haver grupos que atuam isoladamente, como ilustrado na Figura 4. Nessa conjuntura, destaca-se que a FURB desenvolve trabalhos acadêmicos com outras IES, o que pode ocorrer em razão dos programas de pós-graduação que possui e que qualifica docentes de outras IES, que atuam na área de Administração e Ciências contábeis. Na área de Administração, destaca-se o mestrado profissional com área de concentração em “Gestão Moderna de Negócios para Gestão de Organizações”, já na pós-graduação em Ciências Contábeis, observa-se a existência de Mestrado acadêmico na área de “Controladoria” e Doutorado em “Controladoria e gestão de organizações”.

ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Tudo isso, de modo a criar uma agenda de pesquisa, capaz de ilustrar quais pontos merecem maior atenção por parte dos pesquisadores da área, bem como quais diretrizes podem ser somadas para contribuir com a área. Nessa conjuntura, cabe desenvolver estudos que possam contemplar empresas do segmento do agronegócio, seguros, previdência, capitalização, saúde, utilidade pública, hotelaria, cooperativas e mineração, bem como a realização de trabalhos que permitam comparar a realidade de empresas que atuam em diferentes ramos e/ou países. A realização de estudos que contemplem as instituições de ensino superior, discentes e docentes, em favor da qualidade do processo formativo e o bom uso das ferramentas de custos.

Ademais, a adoção de técnicas de estatísticas tais como análise de variância, correlação, regressão e modelos com equações estruturais também se mostram como importantes para demonstrar maior robustez aos estudos desenvolvidos na área. A inclusão de estudos longitudinais, que permitam analisar a situação das informações de custo da empresa no tempo, de modo a reunir elementos capazes de impulsionar o planejamento de suas práticas organizacionais e reduzir perdas, por valor ou obsolescência. Adoção de técnicas de estatísticas para definir a amostra de pesquisa também se torna interessante, uma vez que pode garantir maior confiabilidade sobre os resultados auferidos e generalizações.

A combinação de técnicas de coleta e avaliação de dados, de caráter qualitativo e quantitativo, que permitam ampliar o campo de visão e compreensão do pesquisador, sobre os resultados auferidos. Uso da técnica de triangulação dos dados, de modo a identificar se os fatos refletem as práticas de planejamento, controle e tomada de decisão, assumidas pelos respondentes. Ademais, aponta-se o uso da análise discriminante, de correspondência e agrupamento, como critérios a serem pensados para aplicar em estudos futuros, bem como incluir os preceitos previstos na análise de conteúdo e discurso, para ampliar a interpretação sobre os fatos observados ou dados coletados.

Em termos de conteúdo, analisar questões sobre ponto de equilíbrio, margem de contribuição e custos ocultos, bem como incluir variáveis financeiras, como capital de giro e fluxo de caixa, para avaliar o desempenho organizacional e o nível de sustentabilidade de suas ações. A inclusão de variáveis normativas, advindas das normas internacionais e os pronunciamentos contábeis, para identificar qual o impacto da publicação de informações sobre custos no processo de tomada de decisão. Desenvolvimento de trabalhos que contemplem uma análise acurada sobre a legislação fiscal aplicada as empresas, considerando os tributos de caráter municipal, estadual e federal, aplicáveis aos serviços, mercadorias e produtos, bem como elementos relacionados ao Sistema Público de Escrituração Digital (SPED).

O desenvolvimento de trabalhos que permitam analisar como funciona o processo de gestão organizacional dos custos e precificação, bem como sobre a adoção de práticas de controladoria em microempresas e empresas de pequeno porte. O uso do *balanced scorecard* de modo a embasar o planejamento das ações a serem desenvolvidas estrategicamente pela empresa e contribuir com a análise do desempenho organizacional esperado e aquele alcançado. A inclusão da teoria institucional, bem como das variáveis de controle, risco, viabilidade econômica e prestação de contas, de modo a avaliar se as mesmas interferem nas atividades de gestão e levantamento dos custos organizacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O presente artigo se propôs a mapear quais as contribuições científicas do Congresso Brasileiro de Custos (CBC), para a temática “Custos como ferramenta para o planejamento,

controle e apoio a decisões”. Para tanto, fez-se uso da análise bibliométrica para autores e instituições, bem como da análise metodológicas utilizada pelos pesquisadores, de modo a subsidiar esse mapeamento. Com isso, um estudo acurado sobre o objeto de estudo comumente utilizado pelos pesquisadores da área, bem como a indicação de uma agenda de pesquisa para estudos futuros foi criada, com vias a indicar quais temáticas merecem atenção especial.

Ponderando a respeito dos artigos publicados no CBC, no período de 2011 a 2015, constatou-se que foram publicados 1.057 artigos no período, entre as mais diversas linhas de pesquisa. Dentre esses trabalhos, observou-se que há 363 artigos escritos pelos autores na linha de pesquisa objeto de análise e dos quais se destaca que 68,87% (250) se concentram nos anais dos anos de 2012, 2013 e 2014, o que sugere uma maior preocupação dos autores com a questão do uso do custo como ferramenta de planejamento, controle e apoio a decisão. Nessa perspectiva, a discussão dessa temática tende a contribuir com a análise da situação da empresa e direcionamento de suas políticas.

Em seguida, observa-se que predomina estudos preocupados em identificar, analisar, mensurar ou evidenciar algum elemento que garanta o uso da ferramenta de custos, tanto para as atividades de planejamento, como para aqueles vinculados ao controle organizacional e a tomada de decisões estratégicas. Nesta perspectiva, observa-se que os estudos costumam envolver mais empresas de pequeno ou médio porte, o que se justifica pelo número de empresas que tem este perfil de formatação no Brasil. Para tanto, o uso da ferramenta de custos se torna ainda mais evidente, quando os administradores tendem a direcionar os custos de forma adequada e com isso, garantir a continuidade e crescimento da organização.

No que concerne aos aspectos metodológicos, constata-se que os autores da área não costumam apontar todos os aparatos adotados para definir e/ou delinear o tipo de pesquisa realizada. Nessa conjuntura, destaca-se que 62,53% não informam de forma clara ou explícita qual método de pesquisa utilizado, e 85,67% não apontam qual a abordagem adotada para desenvolver o trabalho. Por essa razão, fez-se necessário analisar o resumo e a metodologia de cada um dos artigos pesquisados, de modo a identificar como o estudo se direcionava em termos de método.

Quanto às estratégias de pesquisa utilizadas, nota-se que 65,56% optam por combinar diferentes táticas para delinear o estudo e responder ao problema de pesquisa, valendo-se sempre da análise descritiva e do levantamento bibliográfico para desenvolver o trabalho. Isso mostra certo cuidado com a realização do estudo, de modo a subsidiar a triangulação de dados. No que concerne ao recorte temporal e origem dos dados, observa-se que predomina o recorte transversal (78,79%) e o uso de dados primários (87,41%).

Os dados revelam que o uso do *checklist* (32,51%) predomina entre os trabalhos que utilizam a contabilidade de custos como ferramenta adequada para as atividades de planejamento, controle e tomada de decisão. Ademais, constata-se que 17,91% optam pelo uso de técnicas combinadas, com vias a gerar maior robustez ao estudo e reunir os parâmetros adequados para responder problema de pesquisa. Com isso, os dados coletados e as técnicas utilizadas tornam as pesquisas mais objetivas e completas, o que tende a subsidiar e direcionar estudos futuros.

Também foi possível identificar que 63,36% dos artigos publicados na linha de pesquisa objeto de análise se valem do levantamento ou censo populacional, ao passo que apenas 35,81% adotam preceitos que se aproximam da amostra não probabilista. Já em relação a técnicas de análise dos dados, predomina o desenvolvimento de trabalhos com características que o aproximam da pesquisa qualitativa (66,12%). Nessa conjuntura, destaca-se que a adoção de técnicas estatísticas para seleção da amostra ainda é pouco evidente na

área e que os pesquisadores preferem fazer uso da amostra não probabilística ou de fazer um censo, do que se valer das técnicas existentes para fazer inferência estatística.

No que concerne ao nível de relacionamento entre os pesquisadores da área, observa-se que Oro, M. L. Silva, Beuren, Magro, Lunkes e Thomaz foram os que mais se destacaram em termo de pesquisa. Já em relação às redes de cooperação institucionais, observa-se que a FURB, UFC, UNISINOS, USP e UFU são as que mais publicam artigos acadêmicos sobre a temática de “Custos como ferramenta para o planejamento, controle e apoio a decisões”. Por tanto, salienta-se que tudo isso é justificado pela condição dos autores, que possuem o título de Doutor e estão vinculados tanto a programas de pós-graduação, como a projetos de pesquisa, e da IES que financiam projetos de pesquisa institucionais e oferecem cursos de pós-graduação.

Como sugestão para estudos futuros, recomenda-se o mapeamento das demais linhas de pesquisa do CBC, bem como ampliar o recorte temporal, de modo a indicar como se dá a evolução de cada área de pesquisa relacionada aos Custos. Ademais, a inclusão de outras bases anais de eventos, bem como a inclusão de periódicos, nacionais e internacionais, específicos para a área de custos podem ser interessantes, para verificar o que se produz e discute em outros ambientes de pesquisa. A realização de estudos que acompanhem a trajetória dos trabalhos, de modo a verificar se os mesmos são oriundos de monografias, dissertações ou teses, bem como identificar se eles também são ajustados para publicação em periódicos.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, R. U. A Lei de Lotka na bibliometria Brasileira. **Revista Ciência da informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002.

ALVES A. P. F. et al. Custos de suprimentos: estudo exploratório com aplicação de modelo de mensuração de custos logísticos. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 6, n. 4, p. 694-707, dez. 2013.

ANZILAGO, M.; BERND, D. C.; VOESE, S. B. Mercado de trabalho dos profissionais de custos no Paraná: Um estudo sobre a demanda, habilidades e competências exigidas. **Contextus Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 194-218, jan./abr. 2016.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução história e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARAÚJO, C. A.; CARNEIRO, A. F.; SANTANA, A. F. B. Sistemas de Custos Públicos: Entendimento e Implantação nos Municípios de Rondônia. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n.2, p. 70-89, maio/ago. 2015.

ARAÚJO, J. G. et al. Arranjo Produtivo Local de Confecção do Estado de Pernambuco: Utilização de Práticas Gerenciais de Custos e Formação de Preço para Tomada de Decisão. In: Congresso Brasileiro da USP, 15, 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ABC, 2015.

BEUREN, I. M. et al. (coord). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

BORGES, F. Q.; CHOTOE, J. R.; VARELA, L. B. Administração energética e análise tendencial de custos econômicos de fontes de geração no Brasil. **Revista de Administração da UNIMEP**, Piracicaba, v. 12, n. 3, p. 100-121, set./dez. 2014.

BORINELLI, B. et al. Relação entre custos, desempenho e variáveis educacionais do ensino fundamental: um estudo de caso em Ibiporã-PR. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 65, n. 3, p. 335-354, jul./set. 2014.

CAMPOS, L. H. C. Gestão de custos em projetos da secretaria de defesa social de Minas Gerais. **Revista de Gestão e Projetos**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 105-118, set./dez. 2014.

COUTINHO, E. Aplicação da lei de Bradford à literatura técnica sobre ferrovia: análise de periódicos e avaliação da base de dados da Rede Ferroviária Federal S.A. **Revista Ciência da informação**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 169-180, jul./dez. 1991.

CUNHA FILHO, C. S.; SOUZA, A. R. L. Análise dos Custos Envolvidos na Construção de Unidades Habitacionais Vinculadas ao Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV): Estudo de um Empreendimento Imobiliário na Região Metropolitana da Capital do Estado do Rio Grande do Sul. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 34-44, jan./abr. 2015.

CUNHA, L. C.; BORGERT, A.; FERRARI, M. J. Gestão estratégica de custos nos cursos de graduação em ciências contábeis das instituições de ensino superior do estado de Santa Catarina. **Revista Catarinense da Ciência Contábil – CRCSC**, Florianópolis, v. 14, n. 41, p. 61-73, jan./abr. 2015.

ENSSILN, S. R. et al. Comportamentos dos custos: seleção de referencial teórico e análise bibliométrica. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 02-25, set./dez. 2014.

FERREIRA, L. R. C.; COSTA, P. S.; ÁVILA, J. R. M. S. Efeito de informações precedentes no comportamento assimétrico dos custos. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 03-18, jan./abr. 2016.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Liber Livro Editora, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANZOTTO, A.; GREGORI, R. Gestão de Custos: Uma Ferramenta Eficiente nas Tomadas de Decisão nas Micro e Pequenas Empresas In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica** 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2006.

HAIR JR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HERNÁNDEZ-SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ-COLLADO, C.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

JESUS E. R. et al. As características da gestão de custos nas organizações do extremo sul catarinense. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

LIZOTE, S. A. et al. Custos de produção e formação do preço de venda: um estudo do desempenho e orientação empreendedora em pequenas empresas. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

MACHADO, R. N. Análise cientométrica dos estudos bibliométricos publicados em periódicos da área de biblioteconomia e ciência da informação (1990-2005). **Revista perspectiva e ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 2-20, set./dez. 2007.

MAHER, M. **Contabilidade de custos: criando valor para a administração**. São Paulo: Atlas, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing**. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARÔCO, J. **Análise estatística com o SPSS Statistics**. 5. ed. ReportNumber: Pero Pinheiro, 2011.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, E.; ROCHA, W. **Métodos de custeio comparados: custos e margens analisados sob diferentes perspectivas**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MECCA, M. S. et al. Utilização do custo padrão como ferramenta de auxílio aos gestores na tomada de decisão In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

MELO, M. A.; LEONE, R. J. G. Alinhamento entre as Estratégias Competitivas e a Gestão de Custos: um Estudo em Pequenas Empresas Industriais do Setor de Transformação. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 12, n. 5, p. 83-104, set./out. 2015.

MOURA, M. F.; LIMA, N. C. Gestão de custos interorganizacionais para o gerenciamento dos custos totais: estudo de caso em uma usina de cana-de-açúcar na região do triângulo mineiro. **Revista Evidenciação Contábil e Finanças**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 65-83, jan./abr. 2016.

NASCIMENTO, J. M. **Custos: planejamento, controle e gestão na economia globalizada**. São Paulo: Atlas, 2001.

OKUBO, Y. **Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples**. Paris: OCDE/GD, 1997.

OLIVEIRA, C. E. et al. Análise da cadeia de valor como instrumento da gestão estratégica de custos: um estudo em uma indústria de torrefação e moagem de café. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

PEINADO, E. S. et al. Capital intelectual e a vantagem competitiva: a tomada de decisão para agregar valor. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

PORTER, E. M. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

RITTA, C. O.; CITTADIN, A.; PEREIRA, B. S. Análise da produção científica sobre gestão estratégica de custos no Congresso Brasileiro de Custos. **Revista de Estudos Contábeis**, Londrina, v. 6, n. 10, 77 p. 76-95, jan./jun. 2015.

ROCHA, M. A. et al. Viabilidade econômica da atividade avícola no sistema de integração com agroindústrias: estudo de caso em pequena propriedade rural na região de Tangará Da Serra – MT. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

SALES, M. et al. Gestão de consultórios e clínicas odontológicas na cidade de Vitória: um mapeamento para entender as necessidades dos gestores. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

SANTOS, G. C. Análise bibliométrica dos artigos publicados como estudos bibliométricos na história do Congresso Brasileiro de Custos. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 4-13, jan./abr. 2015.

SILVA, A. C. R. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, P.; GASPARETTO, V.; LUNKES, R.J. Custos no transporte rodoviário de passageiros e encomendas: estudo em uma empresa Catarinense. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Florianópolis, v. 14, n. 42, p 25-40, maio/ago. 2015.

SILVA, S. G.; BISPO, O. N. A.; MAIA, S. C. A importância dos instrumentos de contabilidade gerencial em micro e pequenas empresas: um estudo em empresas de São João del Rei-MG. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

SPLITTER, K.; ROSA, C. A.; BORBA, J. A. Uma análise das características dos trabalhos “ditos” bibliométricos publicados no Enanpad entre 2000 e 2011. In: Encontro da ANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: EnANPAD, 2012.

VIEIRA, R. L. P.; TEIXEIRA, F. S.; HANSEN, J.E. Análise Bibliométrica dos Artigos sobre Auditoria Publicados na Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC) no período de 2008 a 2014. In: Congresso UFU de Contabilidade, 1, 2015, Uberlândia. **Anais eletrônicos...** Uberlândia: UFU, 2015.

VOESE, S. B.; MELLO, R. J. G. Análise bibliométrica sobre gestão estratégica de custos no Congresso Brasileiro de Custos: aplicação da lei de Lotka. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 11, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2013.

VORPAGEL, A. C. M.; HOFER, E.; SONTAG, A. G. Gestão de custos em pequenas propriedades rurais: Um estudo aplicado no município de Marechal Cândido Rondon – PR. In: Congresso Brasileiro de Custos, 22, 2015, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** Foz do Iguaçu: ABC, 2015.

WERNKE, R. **Gestão de custos:** uma abordagem prática. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

WERNKE, R.; BORNIA, A. C. A contabilidade gerencial e os métodos multicriteriais. **Revista de Contabilidade e Finanças da USP**, São Paulo, v. 14, n. 25, p. 60-71, jan./abr. 2001.

ZANIEVICZ, M. et al. Métodos de Custeio: uma meta-análise dos artigos apresentados no Congresso Brasileiro de Custos no período de 1994 a 2010. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 15, n. 49, p. 601-616, out./dez. 2013.

ZONATTO, V. C. S. et al. Investigação de práticas de gestão de custos conjuntos em indústrias de laticínios: uma abordagem contingencial. **Enfoque Reflexão Contábil**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 123-142, jan./abr. 2014.

Apêndice A
Instrumento de coleta: *checklist*

DADOS DO REGISTRO	
Código do arquivo	
Ano de publicação	

DADOS DOS AUTORES	
Nome do autor (a)	
IES	
UF	

DADOS DO ARTIGO	
Título do trabalho	
Objetivo geral	
Problema de pesquisa	
Objeto de estudo	

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	
Método de pesquisa	
Abordagem metodológica	
Estratégia de pesquisa	
Recorte temporal	
Origem dos dados	
Técnica de coleta	

UNIVERSO E AMOSTRA	
Universo	
Amostragem probabilística	
Amostragem não probabilística	

TÉCNICAS	
Avaliação quantitativa	
Avaliação qualitativa	

Apêndice B

Arcabouço teórico para identificar os aspectos metodológicos

MÉTODOS	
Comparativo	Empregado por Taylor, realiza comparações com o objetivo de verificar similitudes e explicar as divergências no intuito de melhor compreender o comportamento humano. Analisa os dados concretos e com base neles deduz elementos abstratos e genéricos, podendo ser utilizado em todas as fases e níveis em que estejam sendo realizadas as investigações (SILVA, 2008, p. 39).
Dedutivo	Tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas. Analisando isso sob outro enfoque, diríamos que os argumentos dedutivos ou estão corretos ou incorretos, ou as premissas sustentam de modo completo a conclusão ou, quando a forma é logicamente incorreta, não a sustentam de forma alguma; portanto, não há graduações intermediárias (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 92).
	Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica (GIL, 2008, p. 9).
	Transforma enunciados universais em particulares. O ponto de partida é a premissa antecedente, que tem valor universal, e o ponto de chegada é o consequente (premissa particular) (SILVA, 2008, p. 35).
Dialético	Que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 106).
	A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL, 2008, p. 14).
	Pela etimologia da palavra da origem grega <i>dialektos</i> , que significa debate, forma de discutir e debater (SILVA, 2008, p.36).
Estatístico	Permite obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Assim, o método estatístico significa redução de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos etc. a termos quantitativos e a manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado. Exemplos: verificar a correlação entre nível de escolaridade (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 108).
	Este método fundamenta-se na aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui importante auxílio para a investigação em ciências sociais. Mediante a utilização de testes estatísticos, torna-se possível determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um valor obtido. Portanto, o método estatístico passa a caracterizar-se por razoável grau de precisão, o que o torna bastante aceito por parte dos pesquisadores com preocupações de ordem quantitativa (GIL, 2008, p. 17).
	É um método de análise, planejado por <i>Quetelet</i> , que permite obter de conjuntos complexos representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si (SILVA, 2008, p. 40).
Indutivo	Tem o desígnio de ampliar o alcance dos conhecimentos. Os argumentos indutivos admitem diferentes graus de força, dependendo da capacidade das premissas de sustentarem a conclusão (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 92).

MÉTODOS	
Indutivo	O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade (GIL, 2008, p. 10).
	A indução parte de registros menos gerais para enunciados mais gerais. Podemos tomar como exemplo a Classificação da Contabilidade como ciência social (SILVA, 2008, p. 34).
Hipotético-dedutivo	Que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 106).
	Quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la (GIL, 2008, p. 12).
	É o método da tentativa e erro. O seu uso permite identificar os erros da hipótese para posterior correção. Ela imuniza a hipótese contra a rejeição, mas, ao contrário, oferece todas as condições para, se não for correta, que seja refutada (SILVA, 2008, p. 37).
Histórico	Consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 107).
	Quando um pesquisador adota o quadro de referência do materialismo histórico, passa a enfatizar a dimensão histórica dos processos sociais. A partir da identificação do modo de produção em determinada sociedade e de sua relação, com as superestruturas (políticas, jurídicas etc.) é que ele procede à interpretação dos fenômenos observados (GIL, 2008, p. 22).
	Tem como pressuposto reconstruir o passado objetiva e acuradamente, em geral relacionado com uma hipótese sustentável (SILVA, 2008, p. 39).
Monográfico	Consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 108).
	O método monográfico parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc. (GIL, 2008, p. 18).
	Também conhecido como estudo de caso, permite, mediante caso isolado ou de pequenos grupos, entender determinados fatos, partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes (SILVA, 2008, p. 40).

ABORDAGEM METODOLÓGICA	
Empirismo (empírica)	O empirismo concebe a realidade como singular e revelada graças à experiência sensível. Dessa forma, o objeto passa a ser o que é, ou seja, o fato (GIL, 2008, p. 20).
	Para o empirista, a ciência explica apenas a face observável da realidade, ou a superfície dos fenômenos. Esta é considerada a única dimensão alcançada pelos sentidos - que assumem um papel relevante, por acreditar-se que as pessoas têm a mesma capacidade de observação e percebem os fatos com o mesmo grau de evidência (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 40).
Estruturalismo	O método parte da investigação de um fenômeno concreto, eleva-se a seguir ao nível do abstrato, por intermédio da constituição de um modelo que represente o objeto de estudo retomando pôr fim ao concreto, dessa vez como uma realidade estruturada e relacionada com a experiência do sujeito social (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 111).
	O termo estruturalismo é utilizado para designar as correntes de pensamento que recorrem à noção de estrutura para explicar a realidade em todos os seus níveis. O estruturalismo parte do pressuposto de que cada sistema é um jogo de oposições, presenças e ausências, constituindo uma estrutura, onde o todo e as partes são interdependentes, de tal forma que as modificações que ocorrem num dos elementos constituintes implica a modificação de cada um dos outros e do próprio conjunto (GIL, 2008, p. 19).
	O estruturalismo é uma abordagem surgida no início do século XX que, a exemplo do positivismo e da abordagem sistêmica, confere um caráter formal à ciência, aplicando a mesma postura metodológica para as realidades social e natural (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 43).
Fenomenologia	Método de interpretação do que de investigação. Levando-se em consideração que a sociedade é formada por partes componentes, diferenciadas, inter-relacionadas e interdependentes, satisfazendo, cada uma, funções essenciais da vida social, e que as partes são mais bem entendidas compreendendo-se as funções que desempenham no todo, o método funcionalista estuda a sociedade do ponto de vista da função de suas unidades, isto é, como um sistema organizado de atividades (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 110).
	É uma corrente das ciências humanas que enfatiza as relações e o ajustamento entre os diversos componentes de uma cultura ou sociedade. Suas origens prendem-se aos positivistas, que procuraram estabelecer analogias entre as formas de organização cultural e social e organismos vivos (GIL, 2008, p. 18).
Positivismo	Tem como características principais; o conhecimento científico, tanto da natureza quanto da sociedade, é objetivo, não podendo ser influenciado de forma alguma pelo pesquisador, o conhecimento científico repousa na experimentação, o conhecimento científico é quantitativo e o conhecimento científico supõe a existência de leis que determinam a ocorrência dos fatos (GIL, 2008, p. 4).
	O positivismo tem suas raízes no empirismo, mas é uma abordagem metodológica muito mais complexa que a primeira. O positivismo tem em comum com o empirismo a desconfiança na especulação excessiva, mas principalmente na versão do positivista lógico, procura-se mais com a expressão lógica do discurso científico do que com a ênfase nas realidades observáveis (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 41).
Sistêmica	A abordagem sistêmica tem a sua origem associada à teoria dos sistemas – mais especificamente, como a teoria geral dos sistemas, elaborada por Bertalanffy (1901-1972) (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 42).

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA	
Bibliografia (bibliográfica)	Utiliza-se principalmente das contribuições de vários autores sobre determinada temática de estudo. O material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo referencial já tornando público em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, livros, pesquisas, monografias, teses, entre outros. Por meio dessas bibliografias reúnem-se conhecimentos sobre a temática pesquisada. Com base nisso é que se pode elaborar o trabalho monográfico, seja ele em uma perspectiva histórica ou com o intuito de reunir diversas publicações isoladas e atribuir-lhes uma nova leitura (BEUREN et al., 2013, p. 86).
	A pesquisa bibliográfica tem como principal vantagem; reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2008, p. 50).
	Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 54).
Descritiva	Exige do pesquisador uma delimitação precisa de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados, cujo objetivo é conferir a validade científica à pesquisa (BEUREN et al., 2013, p. 81).
	As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008, p. 28).
	Pesquisa descritiva: busca especificar propriedades e características importantes de qualquer fenômeno que se analise (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 102).
Diagnóstico	É uma estratégia de investigação aplicada que se propõe explorar o ambiente, levantando e definindo problemas (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 80).
Discurso do sujeito coletivo	Sugerem composição de amostras intencionais de cada estrato social investigado, cuidando-se de garantias para se ter variabilidade e diversidade de entendimentos sobre a temática abordada (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 80).
Documental	Baseia-se em matérias que ainda não receberam um tratamento analítico ou podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (BEUREN et al., 2013, p. 89).
	Consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2008, p. 51).
	A estratégia de pesquisa Documental é característica dos estudos que utilizam documentos como fonte de dados, informações e evidências (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 55).
Estudo de caso	Caracteriza-se principalmente pelo estudo concentrado de um único caso. Esse estudo é preferido pelos pesquisadores que desejam aprofundar seus conhecimentos a respeito de determinado caso específico (BEUREN et al., 2013, p. 84).
	É caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (GIL, 2008, p. 57).

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA	
Estudo de caso	O estudo de caso é tanto de corte quantitativo (como medir a pressão arterial, os leucócitos no sangue ou a frequência cardíaca) como de corte qualitativo (percepções abertas sobre o próprio estado de saúde, maneira como a pessoa se sente) ou inclusive misto (quantitativo-qualitativo) (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 274).
Etnográfica	A etnografia, o mesmo que etnologia, é uma das disciplinas do tronco sociológico/antropológico e tem por objetivo os modos de vida de grupos sociais. Refere-se a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo (MARTINS; THEÓFILO, 2007, p. 74).
Experimental	A principal característica dos experimentos está na manipulação em que há uma tentativa deliberada e controlada de produzir efeitos diferentes por meio de diferentes manipulações, cabe ressaltar que é necessário ter ao menos dois grupos para saber se o tratamento teve algum efeito, e ter certeza de que os grupos eram equivalentes antes do tratamento para atribuir quaisquer diferença pós-tratamento à pesquisa experimental (BEUREN et al., 2013, p. 87).
	De modo geral, o experimento representa o melhor exemplo de pesquisa científica. Essencialmente, o delineamento experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto (GIL, 2008, p. 51).
	De orientação marcante positivista, o experimento é uma estratégia de pesquisa que busca a construção de conhecimentos através da rigorosa verificação e garantia de resultados cientificamente comprovados - conhecimentos passíveis de apreensão em condições de controle, legitimados pela experimentação e comprovados pelos níveis de significância das mensurações (MARTINS; THEÓFILO, 2007, p. 56).
Explicativa	Busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, por explicar a razão e o porquê das coisas (BEUREN et al., 2013, p. 82).
	É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. Pode-se dizer que o conhecimento científico está assentado nos resultados (GIL, 2008 p. 28).
	Tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar-lhe os motivos. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (SILVA, 2008, p. 60).
Exploratória	Busca-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa (BEUREN et al., 2013, p. 80).
	O objetivo é explorar ou fazer uma busca em um problema ou em uma situação a fim de oferecer informações e maior compreensão, e pode ser usada nas seguintes finalidades: Formular um problema ou defini-lo com mais precisão; identificar cursos alternativos de ação; desenvolver hipóteses; isolar variáveis e relações-chave para exame posterior; obter informações para desenvolver uma abordagem ao problema; estabelecer prioridades para pesquisas posteriores (GIL, 2008, p. 27).
	Pesquisa exploratória: é realizada quando o objetivo consiste em examinar um tema pouco estudado (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 100).
Grounded theory	No caso da adoção do modelo da <i>grounded theory</i> , em que a proposta é a da constituição de uma teoria fundamentada nos dados (GIL, 2008, p. 177).

ESTRATÉGIAS DE PESQUISA	
Grounded theory	Busca-se a construção de teoria à medida que o trabalho de campo se desenvolve. A teoria indutivamente derivada dos dados é a teoria substantiva, ou seja, aquela representativa da realidade dos sujeitos e situações estudadas (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 76).
Historiográfica	O campo da historiografia pode ser dividido entre os paradigmas tradicional e a nova história. As fontes oficiais, escritas e documentadas são as preferidas pelos pesquisadores que se orientam pelo paradigma tradicional (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 81).
Levantamento (survey)	Nesta pesquisa acontece a solicitação de informação a um grupo específico ou todos os integrantes do universo pesquisado para que se faça o levantamento e coleta dos dados com exatidão ao descrever algumas características que se procura (BEUREN et al., 2013, p. 85).
	As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados (GIL, 2008, p. 55).
	Os levantamentos são próprios para os casos em que o pesquisador deseja responder à questão acerca da distribuição de uma variável ou das relações entre características de pessoas ou grupos de maneira como ocorrem em situações naturais (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 60).
Pesquisa de avaliação	A pesquisa de avaliação é uma estratégia de investigação aplicada para avaliar programas, projetos, políticas etc. (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 80).
Pesquisa-ação	É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo (GIL, 2008, p. 30).
	Foi proposta há mais de 50 anos por Kurt Lewin, e consiste numa linha que tende a ser aplicada em diversos campos, particularmente na Ciências Sociais, em estudos sobre Contabilidade, Educação, Economia, Administração e Serviço Social (SILVA, 2008, p. 58).
Proposição de planos e programas	Trata-se de uma estratégia de pesquisa que tem por objetivo apresentar soluções para problemas organizacionais já diagnosticados. Busca-se, por meio de uma pesquisa empírico-analítica, um estudo de viabilidade de planos alternativos (concepção e implementação) para a solução de problemas (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 80).
Quase-experimental	Estudo que aplicam parte dos processos dos experimentos verdadeiros, mas carecem de um controle experimental (MALHOTRA, 2012, p. 181).
	Em pesquisas que embora não apresentando distribuição aleatória dos sujeitos nem grupos de controle, são desenvolvidas com bastante rigor metodológico e aproximam-se bastante das pesquisas experimentais, podendo ser denominadas quase-experimentais. Nesses casos, a comparação entre as condições de tratamento e não tratamento pode ser feita com grupos não equivalentes ou com os mesmos sujeitos antes do tratamento. Naturalmente, perde-se a capacidade de controlar rigorosamente o que ocorre a quem. É possível, no entanto, observar o que ocorre, quando ocorre, a quem ocorre, tornando-se possível, de alguma forma, a análise de relações causa-efeito. Imagine-se, por exemplo, que haja interesse em verificar em que medida a participação nos lucros da empresa interfere na assiduidade dos trabalhadores (GIL, 2008, p. 54).

RECORTE TEMPORAL	
Longitudinal	Tipo de pesquisa que envolve uma amostra fixa de elementos da população que é medida repetidamente. A amostra permanece a mesma ao longo do tempo, provendo uma série de quadros que, vistos em conjunto, oferecem uma ilustração vivida da situação e das mudanças que estão ocorrendo ao longo do tempo (MALHOTRA, 2012, p. 63).
	Coletam dados ao longo do tempo em pontos ou períodos, para fazer inferências a respeito da mudança, seus determinantes e consequências. Em geral, esses pontos ou períodos são especificados de antemão no enfoque quantitativo, e vão sendo determinados conforme o estudo avança no enfoque qualitativo (nas modalidades mistas pode ocorrer os dois cenários) (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 233).
Transversal	Envolvem a coleta de informações de qualquer amostra de elementos da população somente uma vez. Eles também podem ser transversais único ou múltiplos (MALHOTRA, 2012, p. 62).
	Os modelos de pesquisa transversal coletam dados em um só momento, em um tempo único. Seu objetivo é descrever variáveis e analisar sua incidência e inter-relação em dado momento (ou descrever comunidades, eventos, fenômenos ou contextos) (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 226).

ORIGEM DOS DADOS	
Dados primários	Dados primários é o que trabalha com informações que não receberam tratamento analítico (BEUREN et al., 2013, p. 134).
	São originados por um pesquisador para a finalidade específica de abordar o problema que está sendo considerado (MALHOTRA, 2012, p. 80).
Dados secundários	Utilizam, fundamentalmente contribuições já publicadas sobre o tema estudado (BEUREN et al., 2013, p. 135).
	São dados que foram coletados para objetivos que não os do problema em pauta e podem ser localizados de forma rápido e barata (MALHOTRA, 2012, p. 80).

TÉCNICAS DE COLETA	
Checklist	É uma técnica de verificar se a população pesquisada dispõe de elementos necessários para aplicação de uma determinada proposta teórica, isto é, para operacionalizar uma pesquisa. Trata-se de conhecer, de forma mais ampla, população que servirá como suporte para validação do estudo. (BEUREN et al., 2013, p. 133)
Entrevista	É uma técnica de obtenção de informações em que o investigador se apresenta pessoalmente à população selecionada e formula perguntas, com o objetivo de obter dados necessários para responder à questão estudada (BEUREN et al., 2013, p. 131).
	É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195).
	Trata-se de uma técnica de pesquisa para coleta de informações, dados e evidências cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que entrevistados atribuem a questão e situação, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 86).
Escalas sociais e de atitudes	Quando necessário, variáveis qualitativas podem ser trabalhadas, isto é, adaptadas para representar uma série quantitativa. As escalas sociais e de atitudes tornam possível essa "transformação", viabilizando possíveis mensurações de diversos fenômenos sociais expressos por meio de variáveis qualitativas, as quais não possibilitariam medições (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 92).

TÉCNICAS DE COLETA	
Formulário	É um dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 212).
Focus group	Trata-se de um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo. Tem como objetivo a discussão de um tópico específico. O <i>Focus group</i> é também chamado de entrevista focalizada de grupo, entrevista profunda em grupos e reuniões de grupos. Kotler, destacado autor sobre marketing, a denomina de grupo de foco; outros chamam-na de grupo focal (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 88).
História oral ou de vida	As observações são feitas no ambiente real, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, espontaneamente, sem a devida preparação. A melhor ocasião para o registro é o local onde o evento ocorre. Isto reduz as tendências seletivas e a deturpação na reevocação (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 195)
	A História Oral de Vida é a parte que revela o todo. Quem pronuncia a palavra faz a palavra. O sujeito acontece como pensamento, fala e ação, por isso a palavra é um ato de resistência, e a História Oral de Vida convida para os experimentos e o desafio do encontro que vai além do conhecimento profundo e sensibilizado (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 95).
Laddering	Trata-se de técnica utilizada em entrevista através de uma série de perguntas do tipo: "por que isso é importante para você?" É uma técnica adequada à avaliação qualitativa que auxilia o investigador na compreensão de significados, atitudes e comportamentos de entrevistados (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 87).
Observação	É uma técnica que faz uso dos sentidos para a obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste em ver, ouvir e examinar os fatos ou fenômenos que se pretendem investigar (BEUREN et al., 2013, p. 128).
	É uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 190).
	A observação consiste no registro sistemático, válido e confiável de comportamento ou conduta manifestada (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 357).
Observação participante	Na observação participante, o investigador participa como um membro da comunidade ou população pesquisada (BEUREN et al., 2013, p. 130).
	Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 194).
	Técnica de coleta de dados que tem como objetivo explorar e descrever ambientes (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 384).
Painel	Os modelos tipo painel são similares às duas categorias vistas, porém, o mesmo grupo de indivíduos é medido ou observado (coletam-se dados sobre eles) em todos os tempos ou momentos (HERNÁNDEZ-SAMPIERE; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 236).
	Consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197).
	Trata-se de um tipo especial de entrevista em que um grupo fixo de respondentes é entrevistado, em períodos regulares, com iguais perguntas, a fim de estudar as evoluções das variáveis de um estudo. Exemplo clássico dessa modalidade são os "painéis de consumidores"(MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 88).

TÉCNICAS DE COLETA	
Questionário	É um instrumento de coleta dados constituídos por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador (BEUREN et al., 2013, p. 130).
	Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201).
	O questionário é um importante e popular instrumento de coleta de dados para uma pesquisa social. Trata-se de um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis e situações que se deseja medir ou descrever (MARTINS; THEÓFILO, 2007, p. 90).

UNIVERSO E AMOSTRA	
Universo	População ou universo da pesquisa é a totalidade de elementos distintos que possui certa paridade nas características definidas para determinado estudo. A proposição de população ou universo como um conjunto de elementos que possuem determinadas características comumente é utilizada ao se referir a todos os habitantes de determinado lugar (BEUREN et al., p. 118).
	Definida em termos de elementos, unidades amostrais, extensão e período. Coleção de elementos ou objetos que possuem as informações procuradas pelo pesquisador e sobre os quais devem ser feitas ingerências (MALHOTRA, 2012, p. 271).
	População ou universo (enfoque qualitativo): conjunto de todos os casos que concordam com determinadas especificações (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 253).
Amostragem probabilística	A técnica garante o caso o acaso na escolha. Cada elemento da população tem a mesma chance de ser escolhido, o que atribui a amostra o caráter de representatividade e ressalta sua importância, uma vez que as conclusões da pesquisa são vinculadas exatamente a essas amostras (BEUREN et al., p. 122).
	As técnicas de amostragem probabilísticas variam em termos de eficiência amostral. A eficiência amostral é um conceito que reflete uma escolha entre custo e precisão da amostra. A precisão se refere ao nível de incerteza sobre a característica que está sendo medida e é inversamente relacionada aos erros de amostragem, mas positivamente relacionada aos custos (MALHOTRA, 2012, p. 279).
	Amostra probabilística: subgrupo da população no qual todos os elementos possuem a mesma possibilidade de serem escolhidos (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 254).
Amostragem não probabilística	O pressuposto da técnica de amostragem é constituir um subconjunto de população que possibilite reproduzir o mais adequado possível as características de uma população em investigação. Para atingir essa meta, os métodos probabilísticos utilizam o acaso para seleção das amostras. Já os métodos não probabilísticos fazem uso do raciocínio, dependendo exclusivamente dos critérios do pesquisador para construir as amostras (BEUREN et al., p. 125).
	São técnicas de amostragem que não utiliza seleção aleatória. Ao contrário, confia no julgamento pessoal do pesquisador. Essa amostragem pode oferecer boas estimativas das características da população, mas não permitem uma avaliação objetiva da precisão dos resultados amostrais. Suas técnicas comumente utilizadas incluem amostragem por conveniência, amostragem por julgamento, amostragem por quotas, e amostragem bola de neve (MALHOTRA, 2012, p. 274).
	Amostra não-probabilística: subgrupo da população no qual a escolha dos elementos não depende da probabilidade, e sim das características da pesquisa (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 255).

AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA	
Aleatória simples	O processo de coleta de dados desta amostra equivale a um sorteio lotérico. Nessa técnica, a unidade da população de pesquisa possui a mesma probabilidade de ser selecionada. Trata-se essencialmente de um sorteio, de tal modo que os números podem ser escolhidos várias vezes, de forma que o tamanho da população permaneça constante durante todo o processo de seleção (BEUREN et al., p. 122).
	Nessa amostragem cada elemento da população tem uma probabilidade conhecida e igual de ser escolhido. Além disso, cada amostra possível de um dado tamanho (n) tem uma probabilidade igual e conhecida de ser a amostra realmente selecionada. Isso implica que cada elemento é escolhido independentemente de qualquer outro elemento (MALHOTRA, 2012, p. 279).
	Neste tipo de amostragem todos os elementos da amostra são selecionados completamente ao acaso. A forma mais simples e comum de obter amostras aleatórias é por recurso a algum tipo de loteria (e.g., bolas numeradas num saco, cartões numa tómbola, tabelas de números aleatórios, etc.) (MARÔCO, 2011, p. 10).
Aleatória sistemática	Esta amostra é uma variação da amostragem da amostragem aleatória simples, com a características de ser mais flexível e simples de ser realizada. Sua aplicação requer que a população seja ordenada de maneira que cada um dos elementos possa ser identificado univocamente por sua posição (BEUREN et al., p. 123).
	Nessa amostragem escolhe-se uma amostra selecionando um ponto de partida aleatório e, em seguida, extraindo cada <i>i-ésimo</i> elemento sucessivamente do arcabouço amostral. Nessa abordagem o pesquisador supõe que os elementos da população estejam ordenados de alguma forma (MALHOTRA, 2012, p. 280).
	Neste tipo de amostragem os elementos da amostra são selecionados de uma forma sistemática de uma população com algum tipo de ordem aleatória (MARÔCO, 2011, p. 10).
Conglomerados (grupos ou cluster)	É utilizada quando há inviabilidade ou impossibilidade de estabelecer uma lista completa dos elementos da população-alvo para ser utilizada pela técnica de amostragem aleatória simples ou sistemática (BEUREN et al., p. 125).

AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA	
Conglomerados (grupos ou cluster)	Nessa amostragem, em primeiro lugar a população- alvo é dividido em subpopulações mutuamente excludentes e coletivamente exaustivas, chamadas de clusters. A seguir escolhe uma amostra aleatória de clusters com base em uma técnica de amostragem probabilística, como a amostragem aleatória simples. Para cada cluster selecionado, incluem-se na amostra todos os elementos ou se extrai uma amostra de elemento de forma probabilística (MALHOTRA, 2012, p. 283).
	Amostra probabilística por conglomerados: subgrupo no qual as unidades de análise encontram-se fechadas em determinados lugares físicos (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 261).
Estratificada	Caracteriza-se pela seleção de um grupo de amostra de cada subgrupo. E também é considerada uma técnica mais refinada de coleta de dados por assegurar a representação mais adequada para cada tipo de subpopulação. Na perspectiva prática, o estabelecimento de estratos homogêneos para a população permite a redução de erros na amostra, além de reduzir os custos operacionais (BEUREN et al., p. 124).
	Amostra probabilística estratificada: subgrupo onde a população se divide em segmentos e seleciona-se uma amostra para cada segmento (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 260).
	É um processo de dois estágios em que a população é dividida em subpopulação, ou estratos. Os estratos têm de ser mutuamente excludentes e coletivamente exaustivos no sentido de que cada elemento da população deve ser atribuído a um único extrato e nenhum elemento da população deve ser omitido (MALHOTRA, 2012, p. 281).

AMOSTRAGEM NÃO PROBABILÍSTICA	
Acessibilidade ou conveniência	Geralmente, é utilizado em pesquisas de caráter exploratório ou qualitativo, em que há uma cobrança menor no nível de precisão dos dados. É uma amostra que é vista como a menos rigorosa de todos os tipos de amostragens (BEUREN et al., p. 126).
	Esta amostragem procura obter uma amostra de elementos convenientes. A seleção das unidades amostrais é deixada em grande parte a cargo do entrevistador. Alguns exemplos são por conveniência incluem: uso de estudantes, grupos de igreja e membros de organização sociais, entrevistas em centros comerciais sem qualificar os entrevistados, lojas de departamentos utilizado listas de contas de clientes, questionários destacáveis incluídos em revistas (MALHOTRA, 2012, p. 275).
	No caso do enfoque quantitativo, a amostra por conveniência seleciona indivíduos "típicos" com a vaga esperança de que serão casos representativos e determinada população (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 271).
Acidental, causal ou conveniente	Trata-se de uma amostra formada por aqueles elementos que vão aparecendo, que são possíveis de se obter até completar o número desejado de elementos da amostra (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 123).
	Neste tipo de amostra os elementos são selecionados pela sua conveniência (por exemplo, os colegas da turma), por voluntariado, ou ainda acidentalmente (por exemplo as pessoas que passam na rua do investigador, esta situação é particularmente preferida pelo jornalismo televisivo, em que o jornalista entrevista as pessoas que passam na rua da estação de televisão) (MARÔCO, 2011, p. 11).
Bola de neve	Técnica em que um grupo inicial de entrevistados é selecionado aleatoriamente. Selecionam-se entrevistados iniciais. Esse processo pode ser executado em ondas sucessivas, obtendo-se referências a partir de outras referências (MALHOTRA, 2012, p. 278).
Cotas (quotas)	É desenvolvida em três etapas: a primeira busca a classificação da população em função de prosperidades tidas como relevantes para o fenômeno investigado no trabalho monográfico; a segunda etapa é a segmentação em proporções da população para cada classe ou extrato, com base no conhecimento prévio da população e a última fase fixa costas para cada observador encarregado de selecionar os elementos, de maneira que o total da amostra contenha uma proporção de cada classe ou extrato (BEUREN et al., p. 127).
	Técnica que consiste em uma amostra por julgamento restrita de dois estágios. O primeiro estágio consiste em desenvolver categorias ou quotas de controle de elementos da população. No segundo estágio, selecionam-se elementos da amostra com base em conveniência ou julgamento (MALHOTRA, 2012, p. 278).
	Esse tipo de amostra é muito utilizado em estudos de opinião e de marketing. Os pesquisadores recebem instruções para administrar questionários com indivíduos na rua, e ao fazê-lo vão dando forma ou preenchendo cotas de acordo com a proporção de certas variáveis demográficas na população (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 273).
Dupla	Técnica em que certos elementos da população são extraídos duas vezes. Na primeira fase, extrai-se uma amostra e coletam-se algumas informações de todos os elementos na amostra. Na segunda fase, extrai-se uma sub-amostra a amostra original e se obtém informações adicionais dos elementos na sub-amostras (MALHOTRA, 2012, p. 286).
Especialistas	Neste tipo de amostragem o objetivo é constituir amostras cujos elementos sejam especialistas ou possuam conhecimentos de uma determinada área (MARÔCO, 2011, p. 12).
	Essas amostras são frequentes em estudos qualitativos e exploratórios para gerar hipóteses mais precisas ou a matéria-prima do modelo de questionários (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 272).

AMOSTRAGEM NÃO PROBABILÍSTICA	
Indivíduos voluntários	Esse tipo de amostra é utilizado em estudos de laboratório nos quais procura-se que os indivíduos sejam homogêneos em variáveis, tais como idade, sexo ou inteligência, de maneira que os resultados ou efeitos não obedeçam a diferenças individuais, mas sim às condições a que foram submetidos (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 272).
Julgamento	Forma de amostragem por conveniência em que os elementos da população são selecionados deliberadamente com base no julgamento do pesquisador (MALHOTRA, 2012, p. 277).
Sequencial	Técnica em que os elementos da população são selecionados sequencialmente, a coleta e análise de dados são feitas em cada estágio e se decide se devem ser extraídos elementos adicionais da população (MALHOTRA, 2012, p. 286).

AValiação QUANTITATIVA	
Análise conjunta	Técnica que procura determinar a importância relativa que os consumidores dão a atributos relevantes e a utilidade que eles associam aos níveis de atributos (MALHOTRA, 2012, p. 531).
	A análise conjunta é uma técnica emergente de dependência que tem trazido nova sofisticação para a avaliação de objetivos, como novos produtos, serviços ou ideias (HAIR JR et al., 2009, p. 35).
Análise de agrupamentos	A análise de agrupamentos é uma técnica analítica para desenvolver subgrupos significativos de indivíduos ou objetos (HAIR JR et al., 2009, p. 35).
Análise de cluster	É uma técnica usada para classificar objetos ou casos em grupos relativamente homogêneos. Os objetivos em cada cluster tendem a ser semelhantes entre si, mas diferentes de objetos em outros clusters (MALHOTRA, 2012, p. 500).
Análise de cluster	Análise de grupos ou de clusters, é uma técnica exploratória de análise multivariada que permite agrupar sujeitos ou variáveis em grupos homogêneos relativamente a uma ou mais características comuns (MARÔCO, 2011, p. 531).
Análise de correspondência	Técnica de EMD para escalonar dados qualitativos que divide as linhas e as colunas da tabela de contingência de entrada em unidades correspondentes de forma que cada uma delas possa ser apresentada no mesmo espaço de baixa dimensão (MALHOTRA, 2012, p. 530).
	A análise de correspondência é uma técnica de interdependência recentemente desenvolvida que facilita o mapeamento percentual de objetivos (p. ex. produtos, pessoas) em um conjunto de atributos não-métricos (HAIR JR et al., 2009, p. 36).
Análise de variância	Técnica estatística usada para determinar se as amostras de dois ou mais grupos surgem de populações com médias iguais (HAIR JR et al., 2009, p. 304).
	Técnica estatística para estudar as diferenças entre médias de duas ou mais populações. Em essência se aplica como um teste de médias para de duas ou mais populações. A hipótese nula, em geral, é que todas as médias são iguais (MALHOTRA, 2012, p. 399).
	Teste estatístico para analisar se mais de dois grupos diferem entre si de forma significativa em suas médias e variâncias (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 460).
Análise discriminante	A análise discriminante envolve determinar uma variável estatística. Uma variável estatística discriminante é a combinação linear das duas (ou mais) variáveis independentes que melhor discriminarão entre os objetos (pessoas, empresas etc.) nos grupos definidos a priori (HAIR JR et al., 2009, p. 224).
	Técnica para analisar dados na pesquisa de marketing em que a variável dependente ou de critério é categórica e as variáveis previsoras ou independentes tem natureza intervalar (MALHOTRA, 2012, p. 450).

AVALIAÇÃO QUANTITATIVA	
Análise discriminante	Os pesquisadores dispõem da análise discriminante, quando as variáveis independentes são medidas por intervalos ou razão, e a dependente é categórica. Tal análise serve para prever se um caso pertence a uma das categorias da variável dependente, baseado em várias independentes (duas ou mais) (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 486).
Análise fatorial confirmatória	Uso de uma técnica multivariada para testar (confirmar) uma relação pré-especificada (HAIR JR et al., 2009, p. 540).
	Técnica usada para estimar o modelo de mensuração. Busca confirmar se o número de fatores (ou construtos) e as cargas das variáveis observadas (indicadoras) sobre elas se conformam que é esperado com base na teoria. As variáveis indicadoras são selecionadas a partir da teoria, e a AFC é empregada para ver se elas carregam conforme o previsto quanto ao número esperado de fatores (MALHOTRA, 2012, p. 550).
Análise fatorial exploratória	Análise que define possíveis relações apenas na forma mais geral e então permite que a técnica multivariada estime relações (HAIR JR et al., 2009, p. 540).
	A análise fatorial exploratória (AFE) é uma técnica exploratória de dados que tem por objetivo descobrir e analisar a estrutura de um conjunto de variáveis inter-relacionadas de modo a construir uma escala de medida para fatores (intrínsecos) que de alguma forma (mais ou menos explícita) controlam as variáveis originais (MARÔCO, 2011, p. 471).
Análise multivariada da variância	É uma técnica de dependência que mede as diferenças para duas ou mais variáveis dependentes métricas, com base em um conjunto de variáveis categóricas (não-métricas) que atuam como variáveis independentes (HAIR JR et al., 2009, p. 303).
Análise multivariada da variância	É semelhante a análise de variância, exceto pelo fato de haver duas ou mais variáveis dependentes métricas, e não apenas uma. O objetivo é o mesmo, pois a MANOVA também examina diferenças entre grupos. Nela a hipótese nula é que o vetor de medias sobre variáveis dependentes e múltiplas é o mesmo entre grupos (MALHOTRA, 2012, p. 413).
	Modelo para analisar a relação entre duas ou mais variáveis independentes e duas ou mais variáveis dependentes (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 485).
Análise não-paramétrica	Tradicionalmente, nas ciências sociais e humanas, os testes não paramétricos são geralmente considerados como alternativa aos testes paramétricos quando as condições de aplicação destes, nomeadamente a normalidade da variável sob estudo e a homogeneidade de variâncias entre os grupos, não se verificam (MARÔCO, 2011, p. 301).
Análise paramétrica	Os testes paramétricos requerem geralmente variáveis quantitativas (medidas numa escala intervalar ou de razão), enquanto os não paramétricos, que veremos neste capítulo, podem ser aplicados a variáveis com escala pelo menos ordinal (MARÔCO, 2011, p. 301).
Correlação entre variáveis	A busca de associação entre variáveis é frequentemente um dos propósitos das pesquisas empíricas. A possível existência de relação entre variáveis orienta análises, conclusões e evidenciação de achados da investigação (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 130).
	Teste estatístico para analisar a relação entre duas variáveis medidas em um nível por intervalos (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 449).
Estatística descritiva	A primeira tarefa é descrever os dados, os valores ou as pontuações obtidas para cada variável (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 416).
	Como o próprio nome sugere, a organização, sumarização e descrição de um conjunto de dados (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 103).

AValiação Quantitativa	
Estatística inferencial	Consiste em inferir acerca dos valores dos parâmetros da população teórica de onde foram obtidas as amostras e ou de validar hipóteses (nas quais se fundamentam as teorias) acerca desses parâmetros (MARÔCO, 2011, p.35).
	Frequentemente, o objetivo da pesquisa vai mais além de descrever as distribuições das variáveis, pretende-se generalizar os resultados obtidos na amostra para a população ou o universo (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 438).
	Método que torna possível a estimação de características de uma população baseadas nos resultados amostrais (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 104).
Modelagem de equações estruturais	Procedimento para estimar uma serie de relações de dependência entre um conjunto de conceitos ou construtos representados por diversas variáveis e incorporados em modelo integrado (MALHOTRA, 2012, p. 549).
	É uma técnica que permite separar relações para cada conjunto de variáveis dependentes (HAIR JR et al., 2009, p. 36).
Regressão com dados em painel	Nos dados em painel, a mesma unidade de corte transversal (uma família, uma empresa, um estado) é acompanhada ao longo do tempo. Em síntese, os dados em painel têm uma dimensão espacial e outra temporal (GUJARATI, 2006, p. 513).
Regressão linear múltipla	É uma técnica estatística que pode ser usada para analisar a relação entre uma única variável dependente (critério) e várias variáveis independentes (preditoras) (HAIR JR et al., 2009, p. 154).
	Técnica estatística que desenvolve simultaneamente uma relação matemática entre duas ou mais variáveis independentes e uma variável dependente intervalar (MALHOTRA, 2012, p. 432).
	É um método para analisar o efeito de duas ou mais variáveis independentes sobre uma dependente. Também é uma extensão da regressão linear só que com maior número de variáveis independentes, ou seja, serve para prever o valor de uma variável dependente conhecendo o valor e a influência das variáveis independentes incluídas na análise (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 480).
Regressão linear simples	Modelo de regressão com uma única variável independente, também conhecido como regressão bivariada (HAIR JR et al., 2009, p. 153).
	Para o caso do estudo da Regressão Linear Simples são consideradas duas variáveis: uma dependente ou de estudo, e outra independente ou, explicativa (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 127).
	É um modelo matemático para estimar o efeito de uma variável sobre outra. Está associado ao coeficiente r de Pearson (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 450).
Regressão logística	A regressão logística é uma forma especializada de regressão que é formulada para prever e explicar uma variável categórica binária (dois grupos), e não uma medida dependente métrica (HAIR JR et al., 2009, p. 225).
	Permite o uso de um modelo de regressão para se calcular, prever, a probabilidade de um particular evento, a partir de um conjunto de variáveis independentes que podem ser numéricas ou não (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 134).
	Quando a variável dependente é do tipo nominal dicotômico, a regressão logística é a técnica de regressão a utilizar para modelar a ocorrência, em termos probabilísticos, de uma das duas realizações das classes da variável dependente (MARÔCO, 2011, p. 804).

AVALIAÇÃO QUANTITATIVA	
Teste de hipóteses	Uma hipótese, no contexto da estatística inferencial, é uma proposta com relação a um ou vários parâmetros, e o que o pesquisador faz por meio do teste de hipótese é determinar se a hipótese é coerente com os dados obtidos na amostra (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 438).
	É uma regra de decisão para aceitar ou se rejeitar uma hipótese estatística com base nos elementos amostrais (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 120).
	A teoria da decisão, através dos testes de hipóteses, é uma outra forma de inferir sobre o parâmetro da população associando a este processo um determinado nível de significância (MARÔCO, 2011, p. 50).
Teste qui-quadrado (χ^2)	Método para analisar dados em uma tabela de contingência que compara as frequências reais das células da tabela com as frequências esperadas das mesmas (HAIR JR et al., 2009, p. 484).
	Verifica se há adequação de ajustamentos entre as frequências observadas e as frequências esperadas (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 122).
	Teste estatístico para avaliar hipóteses sobre a relação entre duas variáveis categóricas (HERNÁNDEZ-SAMPIERI; FERNÁNDEZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 471).

AVALIAÇÃO QUALITATIVA	
Análise de conteúdo	Tem por objetivo estudar as comunicações entre os homens, com maior ênfase no conteúdo das mensagens. De certa forma, o método privilegia dados qualitativos, embora seja aplicável na abordagem quantitativa (BEUREN et al., p. 137).
Análise de conteúdo	Um método apropriado quando o fenômeno a ser observado é a comunicação, e não um comportamento ou objetos físicos, define-se como a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação, incluindo tanto a observação quanto a análise (MALHOTRA, 2012, p. 159).
	A análise de conteúdo é um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem (...). E assim por diante, a análise de conteúdo permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação (FRANCO, 2007, p. 23-24).
Análise de discurso	Parte do pressuposto de que em todo discurso há um sentido oculto que pode ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece acessível (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p. 122).